O MASSACRE DE KATYN

SÉRGIO OLIVEIRA

SÉRGIO OLIVEIRA

O MASSACRE DE KATYN

2ª EDIÇÃO

1989

Conferindo e Divulgando a História

Katyn

INTRODUÇÃO

No dia 13 de abril de 1943, o mundo foi surpreendido pela denúncia de mais uma dentre tantas atrocidades cometidas no curso da Segunda Guerra Mundial. As rádios e jornais alemães, sob o incentivo de Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda do Reich, informavam que, nas proximidades da cidade russa de Smolensk, haviam sido descobertas inúmeras valas comuns, onde a GRU **(Glavnoye Razvedyvatel'noye Upravleniye = Direção Central do Serviço Secreto)** havia sepultado milhares de oficiais poloneses executados em massa pelos soviéticos. Imediatamente após a divulgação da notícia, os soviéticos negaram qualquer participação no difundido massacre, alegando que os oficiais poloneses estavam vivos quando da invasão alemã e que, caso tenham sido assassinados, cabia aos alemães toda e qualquer responsabilidade.

O que aconteceu realmente com os oficiais poloneses enterrados nas valas de Katyn?

Foram mortos pelos alemães ou pelos russos?

Até bem pouco tempo atrás, embora não existissem muitas dúvidas sobre a autoria do fato, russos e alemães continuavam acusando-se reciprocamente. Neste trabalho de pesquisa histórica, cujo teor final surgiu após exaustiva consulta de dezenas de obras sobre a Segunda Guerra Mundial, procurou-se reunir, de forma imparcial, todas as informações relativas ao massacre de Katyn, até hoje divulgadas. As raízes remotas do massacre estão localizadas na "aliança profana", isto é, no pacto de não-agressão firmado entre a Alemanha e a União Soviética, no agosto fatídico de 1939, quando Hitler e Stalin, através de seus plenipotenciários Ribbentrop e Molotov, acertaram, secretamente, a quinta partilha da Polônia.

Mas passam, certamente, pela efervescência política subseqüente, pela indecisão de Hitler de atacar a Inglaterra (Operação Leão Marinho) ou a União Soviética (Operação Barbarossa) e, com toda a certeza, pela avalanche dos exércitos alemães a leste, quando os blindados de Hitler passaram por Smolensk e chegaram às portas de Moscou. A região de Katyn esteve pois, sob o domínio tanto dos russos como dos alemães no período que antecedeu a descoberta das valas, pondo em dúvida a autoria do massacre. Smolensk foi conquistada pelos alemães a 26 de julho de 1941, permanecendo em poder destes até a descoberta das valas, em 13 de abril de 1943. **(*)**

Os alemães, em abril de 1943, logo após a descoberta dos milhares de corpos dos oficiais poloneses, mortos sem exceção com uma bala na nuca, atribuíram aos russos o terrível massacre e a conseqüente tentativa de dar sumiço aos cadáveres. Uma comissão mista, composta por 12 médicos, a pedido dos alemães, examinou detidamente o local e constatou que as mortes tinham ocorrido nos meses de março e abril de 1940, o que inculpava os russos.

Estes se aprestaram em negar qualquer responsabilidade, alegando que os alemães tinham "preparado o palco" antes da chegada da comissão internacional. Em setembro de 1943, logo após a retomada de Smolensk, o Governo soviético realizou nova exumação, também assistida por uma delegação internacional, que apontou a data provável do massacre como o outono de 1941 (setembro/outubro), época em que a região de Katyn já se encontrava em poder dos alemães.

(*) Smolensk foi retomada pelos russos em 24 de setembro de 1943, pela Frente de Kalinine. A libertação da cidade foi saudada em Moscou pelo canhão da vitória, arma somente acionada em ocasiões especiais. A queda de Smolensk, em 1941, colocara a capital soviética em cheque; agora, sua retomada significava que Moscou estava definitivamente fora de perigo.

Uma terceira investigação, realizada pelos próprios poloneses, no final da guerra, não chegou a ser concluída. O delegado de acusação pública de Cracóvia, Dr. Roman Martini, que tomara a responsabilidade de definir, finalmente, a autoria do massacre, foi assassinado em 12 de março de 1946, em sua residência de Cracóvia, por dois membros da Associação da Amizade Russo-Polonesa. Em Nuremberg, os russos tentaram incluir o massacre de Katyn na pauta de julgamentos. Passaram por terrível e vexatória experiência, vendo o feitiço voltar-se contra o feiticeiro. As provas apresentadas "não foram suficientes", na opinião do Tribunal, para demonstrar a culpabilidade dos acusados — no caso, os alemães. O "Caso Katyn" foi arquivado, mesmo porque em Nuremberg só se apurava a verdade de acordo com a conveniência, isto é, de conformidade com o interesse dos aliados.

Não obstante, Jackson, o juiz norte-americano no Tribunal de Nuremberg, dissera, pouco antes da abertura dos trabalhos — conforme **Heydecker & Leeb (1967, p. 78)**: "Os crimes são crimes, seja quem for que os tenha cometido". No libelo acusatório do famoso Tribunal, a cláusula referente aos "crimes de guerra" dizia que "os acusados provocaram um imenso derramamento de sangue, cometendo assassinatos em massa, torturas, trabalhos de escravos, além de terem-se dedicado à exploração econômica". Isto poderia ter acontecido, mas não era menos verdade que, pelo menos no episódio de Katyn, uma grande dúvida pairara no ar. Rememorar e procurar a verdade sobre episódios não devidamente esclarecidos, como se dá com o massacre de Katyn, é um dever dos historiadores contemporâneos. Este relato, longe está de propor uma versão definitiva sobre o assunto.

A preocupação do autor foi tão-somente reunir a opinião contida em diversas obras, colocando os interessados na historiografia da Segunda Guerra Mundial a par de um fato não muito divulgado, mas que, pela monstruosidade que encerra, está a merecer um estudo mais profundo, uma busca mais consistente da verdade. Através dos tempos a História tem sido escrita no interesse dos poderosos ou dos vencedores das guerras, reduzindo os derrotados à condição de culpados e responsáveis por todos os males. A Segunda Guerra Mundial é um claro exemplo dessa prática que está a merecer reestudos isentos de tendências e versões facciosas.

S.E. Castan deve ter enfrentado inúmeros problemas para editar e distribuir sua obra, pioneira no Brasil, mas o fato desta encontrar-se em sua 26ª edição comprova que seu esforço foi plenamente válido. O caso Katyn foi um claro exemplo de embuste por parte dos "vencedores" da Segunda Guerra Mundial: um dentre tantos outros que o tempo e a coragem dos pesquisadores haverão de desmistificar.

I — A ALIANÇA PROFANA E SEUS ANTECEDENTES

Para surpresa de muitos de seus generais, Adolf Hitler cumprira, até a crise dos Sudetos, resolvida através da Conferência de Munich, a promessa de resolver pacificamente as reivindicações territoriais na Europa. Com efeito, a remilitarização da Renânia e o Anschluss (Anexação da Áustria), apesar de terem gerado protestos, foram aceitos pela Liga das Nações, e principalmente pela Inglaterra e pela França, como imposições da tão desejada "paz na Europa". Afinal de contas, era preciso reconhecer que o Tratado de Versalhes fora tremendamente injusto para a Alemanha.

Todavia, embora desconhecendo as verdadeiras intenções do Führer alemão — ou não querendo levar a sério as intenções contidas em **"Mein Kampf**" —, a crise de Munich teve um significado de "basta" para Chamberlain e Daladier. Quando as reivindicações sobre Danzig e o Corredor começaram a tomar forma, os governos da Inglaterra e da França compreenderam que estavam às portas de uma guerra. Não lhes era dado contemporizar ou ceder, como ocorrera até então. Os governos desses dois países tinham um pacto com a Polônia e trataram de informar Hitler de que, em caso de agressão àquele país, honrariam seus compromissos. Em realidade, a Alemanha não agrediu à Polônia, mas revidou ao ataque. Para a Alemanha e para seus dois principais oponentes na Europa, o apoio da União Soviética era de vital importância.

Para a Alemanha, significava o afastamento da possibilidade tão temida de uma guerra em duas frentes. Neutralizada a União Soviética, através de um acordo, o Exército alemão poderia, após uma rápida vitória sobre a Polônia, roçar para a fronteira ocidental, detendo os exércitos franceses e ingleses. Para esses dois países, o apoio soviético poderia arrefecer o ímpeto do Führer, já que seus generais haveriam de pressionar no sentido de que não se repetissem os erros estratégicos de 1914. As duas democracias ocidentais vinham discutindo, há vários meses, em Moscou, a possibilidade da União Soviética a elas se unir, caso Hitler atacasse a Polônia.

Embora a Inglaterra e a França tivessem dado garantias unilaterais à Polônia, elas próprias, no evento de uma guerra, jamais seriam capazes de fornecer útil auxílio militar àquele país, ao contrário do que ocorria com a União Soviética. Por que a União Soviética, mesmo sabendo que estava relacionada no índex de conquistas de Hitler, preferiu firmar um pacto com a Alemanha, desprezando as ofertas das potências ocidentais? Em agosto de 1942, Stalin revelou os seus motivos. O líder soviético disse estar convencido, na época, de que a Inglaterra e a França não entrariam em guerra com a Alemanha por causa da Polônia. Além disso, quando das tratativas de um possível pacto com as potências ocidentais, fora informado de que a França dispunha de 100 divisões e a Inglaterra de 2, que poderiam, mais tarde, aumentar para 4.

Em contrapartida, se a União Soviética fosse obrigada a intervir na guerra, necessitaria de 300 divisões, o que, segundo ele, não possuía na época. Ronald Seth autor de "Invasão", diz que o cinismo ostentado tanto por Hitler como por Stalin, em sua conclusão do pacto de não-agressão de 23 de agosto de 1939, foi igualado somente por seu oportunismo. Por tudo isso, muitos políticos e homens de Estado proclamaram, por muito tempo, sua incompreensão da vontade de Stalin em concluir o referido tratado com seu arqui-inimigo nacional-socialista.

Não se sentiam satisfeitos com o fato de que as forças da União Soviética, que poderiam ser lançadas no tabuleiro da guerra, com esperanças de sucesso, eram insuficientes em número, pobremente equipadas, fracamente treinadas e sem um corpo de oficiais capaz de comandá-las em combate (isto em razão do expurgo realizado pelo próprio Stalin).

Outros fatores contribuíram para que a União Soviética pendesse para a Alemanha em agosto de 1939. **Feiling**, citado por **Higgins (1969, p. 29)**, atribui a Neville Chamberlain o seguinte ponto de vista:

"Devo confessar que nutro a mais profunda desconfiança pela Rússia. Não acredito em sua capacidade de manter uma ofensiva, mesmo que ela desejasse. De igual modo não confio em seus métodos e motivos, que parece terem muito pouca conexão com nossas idéias de liberdade e visarem tão-somente agarrar toda gente pelas orelhas. Além disso, ela é detestada e suspeitada por muitos dos pequenos Estados, especialmente pela Polônia, Romênia e Finlândia".

Há que considerar, ainda, a peremptória negativa da Polônia em permitir a passagem de tropas soviéticas por seu território em caso de uma guerra com a Alemanha. Havia outro fator importante a empurrar os soviéticos para firmar um pacto com a Alemanha em detrimento das potências ocidentais: Stalin ficara alarmado com o desfecho da crise dos Sudetos. A Inglaterra e a França não haviam convidado a União Soviética, então aliada da Tchecoslováquia, a comparecer a Munich, e lá haviam capitulado ante Hitler com surpreendente rapidez.

Dahms (1968, p. 39) assevera que "tudo isso levava claramente à ruína do sistema de segurança coletiva recomendado pelo Comissário para Relações Exteriores Maxin Litvinov e podia igualmente significar que os territórios dos Sudetos eram o preço de uma guerra que Hitler deveria desencadear contra a União Soviética". **Bezimenski (1967, p. 131)** lembra que durante os anos de 1938-1939 a União Soviética propôs insistentemente à Inglaterra e à França a concretização das obrigações militares que ligavam a França, a Tchecoslováquia, a Inglaterra e a União Soviética e podiam impedir a realização dos projetos agressivos de Hitler.

Diz **Bezimenski (1967, p. 131)**:

"Na primavera de 1939, por iniciativa do governo soviético, empreenderam-se negociações políticas entre a URSS, a Inglaterra e a França. Mas no curso das conferências ficou claro que as potências ocidentais não tinham qualquer intenção de prestar ajuda à União Soviética em caso de agressão contra ela, enquanto pretendiam obter da URSS a maior assistência possível".

A Inglaterra e a França, no curso das negociações com a União Soviética, jamais deram atenção ao plano elaborado por sua possível aliada. Recusaram sistematicamente a discutir questões concretas relativas à composição de forças unificadas que deveriam opor-se ao agressor no caso de um ataque alemão à Polônia. Mas sobretudo recusaram-se categoricamente a responder à indagação do delegado soviético — Marechal Vorochilov, de saber se a Inglaterra e a França garantiriam a passagem das tropas soviéticas através da Polônia e, possivelmente, da Romênia. Enquanto ingleses, franceses, russos e alemães tentavam chegar a um acordo, o que se passava na Polônia, país alvo das preocupações internacionais?

Nenhum polonês acreditava que o objetivo de Adolf Hitler fosse somente obter Danzig e uma passagem internacional através do Corredor. Não havia o chefe de Estado alemão exigido a princípio dos thecos apenas o território dos Sudetos, e depois destroçado totalmente a Tchecoslováquia? — alegavam eles. Apesar dessa convicção, o governo polonês rejeitou a proposta de ingleses e franceses no sentido de que fosse permitida, em caso de ataque alemão, a passagem de tropas soviéticas por território polonês. Para estes, se a Alemanha representava o purgatório, a União Soviética encarnava o inferno. Era preferível enfrentar Hitler do que submeter-se a Stalin.

Assim, depois de marchas e contra-marchas, a 23 de agosto de 1939 Ribbentrop chegou a Moscou, onde logo esboçou as bases de um acordo que viria estarrecer o mundo ocidental. **Heydecker & Leeb (1967, p. 202)** transcrevem trechos de um discurso proferido por Stalin, a 19 de agosto, no Politburo:

"Estamos plenamente convencidos de que a Alemanha, se assinarmos uma aliança com a França e a Inglaterra, se verá obrigada a não intervir na Polônia. Desta maneira poderia evitar-se a guerra e o futuro adquirirá neste caso um rumo perigoso para nós. Por outro lado, se a Alemanha aceita a nossa proposta de um pacto de não-agressão, atacará, sem dúvida alguma, a Polônia e a intervenção da Inglaterra e da França nesta guerra será inevitável.

Nestas circunstâncias, teremos muitas possibilidades de nos mantermos afastados do conflito e poderemos esperar com vantagem que chegue a nossa hora (...) o que nos interessa é que rebente uma guerra entre a Alemanha por um lado e a França e a Inglaterra por outro. É essencial para nós que a guerra dure muitos anos para que os beligerantes se esgotem".

É dado concluir, portanto, que Stalin, durante as tratativas diplomáticas que antecederam a guerra, tinha um ponto de vista formado no que diz respeito ao alinhamento de sua grande nação. A "aliança profana" ou a "feroz amizade", como outros propõem, resultou muito mais da vontade de Stalin do que da imperícia dos plenipotenciários ocidentais.

A assinatura a 23 de agosto de 1939, em Moscou, do pacto de não-agressão entre a Alemanha e a União Soviética, deixou o mundo petrificado, principalmente por não ter a menor idéia dos motivos que tinham conduzido a esta situação.

Na véspera, o chefe da Delegação Militar britânica, na capital russa, comentava — de acordo com **Higgins (1969, p. 38/39)**:

"A situação está agora muito mais clara. Parece que durante algum tempo a URSS esteve em entendimento com os dois campos. Parece ter chegado à conclusão de que a Alemanha está em forte posição e que inevitável mente invadirá a Polônia, e, nesse caso, se os soviéticos fizerem um pacto com a Inglaterra e a França, ficarão comprometidos contra a Alemanha antes que isso seja necessário. Pensamos que a URSS sabe que suas comunicações e equipamentos ainda são fracos e que seu Estado-Maior e organização não estão ainda aparelhados para uma grande guerra contra um inimigo forte, especialmente se tiverem que competir com o Exército polonês em retirada".

O pacto de não-agressão firmado entre a União Soviética e a Alemanha continha um protocolo secreto, cujo conteúdo permaneceu por muito tempo desconhecido do ocidente.

Esse protocolo tinha por título "Delimitação das Zonas de Influência no Leste da Europa" e estabelecia:

"No caso de uma mudança político-territorial nas regiões que pertencem aos Estados bálticos (Finlândia, Estónia, Letônia e Lituânia) a fronteira norte da Lituânia formará a fronteira das zonas de influência da Alemanha e da União Soviética. Para o caso de uma mudança nas regiões que pertencem, na atualidade, à Polônia, as zonas de influência ficarão delimitadas pela linha que segue aproximadamente os rios Narew, Vístula e San. A União Soviética insiste no seu interesse pela Bessarábia. A Alemanha declara que não tem o menor interesse por essas regiões''.

Após as assinaturas de Ribbentrop e Molotov, seguia-se um adendo com as seguintes palavras:

“Este documento será mantido no maior segredo por ambas as partes”.

Efetivamente, o segredo foi mantido até o mês de março de 1946, quando os defensores alemães em Nuremberg, para desespero dos soviéticos, divulgaram o seu conteúdo. Para os juristas internacionais, a verdade então revelada significava que uma das nações que se arvorava em “juiz” era culpada de um crime de que pretendia inculpar os acusados: preparativos para uma guerra de agressão. (Vide nota no final deste capítulo). Aliás, não seria este o único motivo de embaraço para os soviéticos em Nuremberg. Quando se tratou de punir os crimes chamados “de guerra”, o episódio de Katyn veio à tona como uma espada de Dâmocles, pronta a se abater sobre a cabeça dos acusadores.

Os norte-americanos e os ingleses, desde a Conferência de Teerã, sabiam do que Stalin era capaz. Muitos autores, dentre eles **Heydecker & Leeb (1967, p. 70/71)**, aludem a uma cena ocorrida no curso daquela Conferência entre os Três Grandes.

Eis o relato do episódio, segundo os citados autores:

“Stalin levantou-se quando o banquete já estava prestes a findar. Àquela altura, já tinha proposto, no mínimo, duas dúzias de brindes. Mas, tinha mais um a propor:

— Brindo — disse com voz opaca — para que a Justiça atue o mais rapidamente possível contra os criminosos de guerra alemães. O meu brinde é pela justiça de um pelotão de execuções!

Na sala fez-se um silêncio impressionante. Mas Stalin continuou imperturbável:

— Brindo pela nossa decisão de eliminá-los logo que sejam feitos prisioneiros e desejo que sejam, pelo menos, cinqüenta mil.

Todos os presentes ficaram como que petrificados. Logo a seguir, um surdo barulho interrompeu o silêncio que se tinha feito.

Churchill afastara sua cadeira e, com algum estardalhaço, pora-se em pé. E isto, segundo Elliot Roosevelt, que relata a cena em foco, significava muito num homem tão indolente como o premier britânico.

— Esse procedimento vai contra o conceito inglês de Justiça! — Gritou, com a cabeça vermelha e a língua pesada pelo brandy.

Nunca ninguém tinha visto Churchill tão excitado.

— O povo britânico — disse com voz muito firme — nunca permitirá esse assassinato em massa.

— Devem ser fuzilados cinqüenta mil! — insistiu Stalin e tornou a levantar o copo.

— Preferiria antes que agora mesmo me levassem ao jardim e me fuzilassem do que tolerar que a minha honra e a do meu povo fossem manchadas por semelhante infâmia — retrucou Churchill.

Franklin Delano Roosevelt, o terceiro na Conferência dos Três Grandes, mantivera-se calado, seguindo com expressão atenta o decorrer da discussão. Quando Stalin virou para ele e lhe perguntou a sua opinião, respondeu em tom brincalhão:

— É evidente que temos que encontrar uma solução intermediária entre o seu ponto de vista, senhor Stalin, e o do Primeiro Ministro Britânico. Digamos, por exemplo, que não sejam cinqüenta mil, mas sim um número inferior... uns quarenta e nove mil e quinhentos os criminosos de guerra alemães que devem ser fuzilados sumariamente".

A cortina aos poucos levantada, com o transcorrer do tempo, mostrou que o brinde de Stalin não era simples produto do álcool ingerido. Muito menos uma brincadeira de mau gosto...

Voltando à "aliança profana" em análise neste capítulo, convém lembrar que ela proporcionou aos russos uma "peredysnka" (trégua) que lhes concedeu um precioso tempo de preparação para a guerra que viria quase dois anos depois, e que o próprio Stalin reconhecia como inevitável. Mas antes que a avalanche dos exércitos alemães despencasse sobre a União Soviética, em junho de 1941, muitos outros acontecimentos iriam ocorrer, transformando completamente a fisionomia política da Europa.

Muito embora Hitler tivesse tentado, após a derrota da Polônia, chegar a um acordo com a Inglaterra e a França, não teve sucesso. Seus olhos que sempre estiveram voltados para o leste europeu, conforme deixara expresso, claramente, em seu livro ("Mein Kampf"), tiveram que fixar-se no ocidente, onde se viu forçado a empreender uma guerra indesejada.

Nota do Autor: A existência do Protocolo Secreto entre Hitler e Stalin, decidindo a sorte da Polônia e de vários países do leste europeu, foi negada por muitos autores por largo tempo. Hoje, não pairam dúvidas sobre sua existência. Os próprios alemães denunci-aram sua efetividade em Nuremberg, quando os aliados tentaram acusar o Estado alemão de ter realizado "preparativos para uma guerra de agressão".

O documento foi apresentado ao Tribunal pelo Dr. Alfred Seidl, defensor de Rudolf Hess, no dia 25 de março de 1946, criando terríveis problemas para os russos e para seus aliados, pois se realmente a Alemanha se preparara para uma "guerra de agressão", um dos pretensos "juizes" também o fizera. Em 1960, "A História da Grande Guerra Nacional da União Soviética 1941-1945", em seu tomo I, p. 176 e seguintes, admitiu, finalmente, a existência do documento.

II - "FALL WEISS" - A POLÔNIA DESTRUÍDA

"Escoam-se as últimas horas do mês de agosto de 1939. Dos Cárpatos ao Báltico, a noite está fria e clara. As previsões meteorológicas são excelentes. A bruma formada nas planícies se dissipará ao nascer do sol. O dia será calmo, ensolarado, altamente propício à aviação".

(Previsão meteorológica do dia 1º de setembro de 1939 para o leste alemão e o este polonês).

Neutralizada a possibilidade de uma intervenção russa, Hitler deu as ordens finais para o ataque à Polônia. O Dia D seria a madrugada de 1º de setembro de 1939. Antes da data fatídica, a diplomacia alemã desenvolveu grande atividade no sentido de neutralizar a Inglaterra e a França. O Führer fez um último e ingente esforço para restringir a luta entre a Alemanha e a Polônia. O pacto de não-agressão entre soviéticos e alemães gerou na Inglaterra amarga frustração. Na França ele produziu indescritível confusão. Mas, na Alemanha, em contrapartida, foi prodigioso o alívio. Muitos que ainda duvidavam do gênio do Führer, tiveram seus temores dissipados.

Agora, a guerra poderia acontecer, porque se dissipara o pesadelo das duas frentes. A frágil Polônia seria rapidamente dominada e a Alemanha poderia voltar-se, com todo o seu poderio, para o oeste, se as circunstâncias exigissem. O pacto entre a União Soviética e a Alemanha nacional-socialista era uma "aliança profana", todos sabiam, porque o contrato estava maculado em sua essência. Ele tinha em seu bojo a má-fé de ambos os signatários. Stalin o assinara pelo proveito imediato que punha em caixa e pelo tempo que era concedido à União Soviética. Hitler o assinara com a intenção de rasgá-lo na primeira oportunidade.

Seu objetivo a médio prazo — dizia ele a seus íntimos — não era retomar Danzig e apagar o Corredor; nem mesmo destruir o Estado polonês:

Era conquistar as planícies russas, para assegurar o "espaço-vital" para o povo alemão. Os sacrifícios impostos pela "feroz amizade" eram momentâneos.

Na França, o pacto germano-soviético destruiu a coragem de muitos. A maioria do povo francês entendia que a Polônia, daí em diante não poderia salvar-se e que uma guerra para defendê-la não teria sentido. Em Londres, porém, não se firmou tal convicção. O Gabinete emitiu um comunicado seco, declarando que o acontecimento de Moscou de maneira alguma afetava as obrigações da Inglaterra para com a Polônia, e que o Governo inglês estava decidido a cumpri-las. A garantia de ordem geral, dada, em maio, ao Governo polonês, transformava-se em tratado de assistência mútua. Cada parte contratante se comprometia a dar à outra toda assistência possível, no caso em que se julgasse necessário repelir pelas armas qualquer ataque, direto ou indireto, à soberania de um deles.

Cartier (1977, p. 15) exclama:

"Estranhos ingleses! No ano precedente, em Berchtesgaden, em Bad Godesberg e em Munich, o homem do guarda-chuva, o Chamberlain de longo pescoço magro, dera a impressão, ao poderoso Führer dos alemães, de um velho desvairado, que uma cólera fingida e uma sonoridade de voz bem trabalhada mergulhavam em transes de pavor. E eis que, sem uma frase inútil, sem um único soluço, esse mesmo Chamberlain interpunha todo o poderio britânico entre uma Polônia condenada e uma Alemanha em armas! Seria um blefe? Seria uma resolução desesperada? Era preciso ver".

O que se passava na Polônia nesses últimos dias de agosto de 1939? Os poloneses se limitavam a esperar a guerra?

Uma onda de fanatismo patriótico levantava o país. Por toda a parte encontravam-se pessoas do povo a dizer que tinham medo de que seus políticos deixassem passar a ocasião de dar uma lição aos alemães. Uma vez que Hitler queria o desaparecimento do Corredor, a Polônia o suprimiria à sua maneira: retomando a Prússia Oriental, onde a dominação germânica fora sempre uma usurpação. "Berlim está a 100 km da fronteira: será naquela cidade que se decidirá o conflito e que se assinará a paz. Rumo a Berlim!" - exclamavam os mais exaltados. Grupos de estudantes quebraram as vidraças da Embaixada da Alemanha, gritando: "A Berlim! A Berlim! A Berlim, sem protelações!"

Em contraste com a onda de euforia bélica, o armamento polonês datava integralmente da Primeira Guerra Mundial. A força aérea contava com 420 aparelhos, entre os quais os únicos relativamente modernos eram uns poucos caças P-24. Ao lado de uma cavalaria anacrônica, a força blindada se reduzia a uma centena de velhos carros-de-combate. A artilharia era inteiramente hipomóvel; o material de comunicações rudimentar, o mesmo ocorrendo com o de D.C.A. (Defesa Contra Aeronaves). Praticamente era um exército sem motores. O que significa dizer: era um exército sem condições de enfrentar a máquina de guerra alemã. Mas tudo isso foi ignorado pela onda de euforia que inundou o país, principalmente depois que os ingleses colocaram o Exército, a Força Aérea e a Marinha britânicos em defesa dos interesses poloneses.

2. 1 — A Quinta Partilha Da Polônia

Versões **não comprovadas** afirmam que Himmler montou um incidente de fronteira, por presidiários fardados com "falsos uniformes poloneses, a fim de simular uma violação do território alemão". De qualquer modo, as bombas que despertaram a Polônia, na alvorada do dia 1º de setembro de 1939, não a surpreendem. O povo polonês, em sua maioria, **tinha desejado a guerra**. E enfim, ela chegara.

Cartier (1977, p. 17) emite uma interessante e objetiva opinião sobre as raízes do conflito bélico que iniciava:

"Apenas vinte anos haviam passado desde a ressurreição da Polônia. Se houvesse prevalecido a sabedoria inglesa, o Estado renascido das cinzas da História teria sido confinado em seus limites geográficos e provido Danzig de simples direitos portuários.

O ardor francês e o romantismo associado à causa polonesa impulsionaram essa atitude razoável, encheram a Polônia de minorias nacionais, estenderam-na sobre a Rússia Branca e sobre a Ucrânia, abriram, como uma brecha através da Alemanha, o acesso ao mar, que tomou o nome de Corredor. A tese dos polonófilos era de que eles construíam, nas costas da Germânia, uma grande potência eslava, tomando à Rússia bolchevista seu papel de aliada da França".

Na verdade, o que se conseguiu foi plantar um pomo de discórdia no coração da Europa. Hitler e Stalin tinham fortes argumentos para justificar a quinta partilha da Polônia. Além disso, as potências ocidentais logo se deram conta de que o aliado saciado revelara-se um parceiro ingrato. A decadência francesa foi tema em Varsóvia e a Polônia insistia em ocupar, no cenário europeu, o papel de Estado sucessor da França. Recusou associar-se ao sistema de alianças que, sob o nome de Pequena Entente, a diplomacia havia constituído na Europa Central.

Levantou pretensões sobre o domínio colonial francês, reclamou Madagascar, fazendo valer a tese de que as nações jovens e prolíficas tinham direito a uma nova partilha do mundo. Orgulhosa e suspicaz, ressentia-se furiosamente de tudo quanto a fazia ser considerada um satélite da França, inclusive a glória dada ao General Weygand de a haver salvo da reconquista russa, em 1920. Todas as concessões do governo de Hitler eram acolhidas na Polônia com a convicção de que eram fruto do reconhecimento de sua força.

O castelo de cartas não levou mais do que duas semanas para ruir ante a poderosa ofensiva alemã. Na madrugada de 1º de setembro de 1939, do Báltico aos Cárpatos, as tropas alemãs marcharam, cumprindo o plano de operações, retocado e ampliado segundo as diretivas de Hitler, agarrando a Polônia em uma tenaz.

Já no dia 2 de setembro, as notícias chegadas ao Führer são excelentes: o comando polonês fora completamente surpreendido. Os soldados da nação atacada enfrentam o inimigo com galhardia, mas os blindados alemães rompem a frágil posição de resistência e investem rapidamente, desorganizando a retaguarda, destruindo ligações e paralizando o exercício do comando. A Luftwaffe, por sua vez, destrói a aviação inimiga ainda nos aeroportos, neutraliza os quartéis-generais, bombardeia em mergulho os núcleos de resistência, provoca o engarrafamento das retaguardas, jogando às estradas uma multidão de civis desvairados...

A Inglaterra e a França, neste segundo dia de luta, por volta das 21h e 30 minutos notificam o Reich de que o prolongamento da ação militar alemã as forçaria a cumprir seus compromissos com a Polônia. Graves desacordos existem entre Paris e Londres. Em Paris, o Ministro das Relações Exteriores, Georges Bonnet, agarra-se desesperadamente à proposta italiana de uma conferência a quatro. Em Londres, suspeita-se que a França está se furtando ao compromisso dos acordos firmados com a Polônia.

Se a vontade francesa está oscilante, com a maioria de seu povo negando-se a “morrer por Danzig”, a resolução inglesa é firme. Às 4 horas da manhã de 3 de setembro, a Inglaterra apresenta um ultimato à Alemanha: se até às 11 horas daquele dia não recebesse garantias categóricas quanto à imediata retirada das tropas alemãs do território polonês, existiria estado de guerra entre ela e o Reich alemão. A França segue de reboque. Recusa, inclusive, apresentar seu ultimato em conjunto com a iniciativa inglesa. Pelo relógio de 1939, a intervenção francesa chegou tão tarde que se tornou inútil.

No dia 7 de setembro, a Polônia ainda se bate, mas sua derrota é um fato consumado. O 4º Exército alemão cerca o Vístula, até Thorn. O 3º Exército, tendo conseguido uma penetração em Mlawa, toma Varsóvia pela retaguarda. A infantaria e a cavalaria polonesas mostraram-se impotentes contras os ataques; a artilharia hipomóvel perdera todos os cavalos, sob o bombardeio da aviação. O tempo favorece as tropas alemãs: as chuvas não vieram na época prevista.

O céu permaneceu radioso, permitindo a ação dos blindados e da Luftwaffe. O apoio à Polônia é, até certo ponto, ridículo: a RAF sobrevoa todas as noites a Alemanha... para atirar panfletos! Os franceses, apesar da infinita superioridade numérica, incursionam sem muito ânimo na região do Sarre. Não chegam a ocorrer combates sérios, pois Hitler ordenara que suas tropas se limitassem a responder aos ataques.

No dia 17 de setembro, o mundo que desconhecia os termos do acordo germano-soviético, recebe um novo choque: Molotov declara que o governo polonês não dá sinal de vida e que, por isso mesmo, a República Polonesa deixava de existir. A União Soviética não se limitou a simples declarações: invadiu a fronteira leste da Polônia, ocupando o território que lhe fora designado pelo protocolo secreto de 23 de agosto de 1939.

Grande parte do exército polonês, que recuara para os territórios não ocupados pelas tropas alemãs, caiu em mãos dos soviéticos. E como não poderia deixar de ser, um grande número de oficiais foi feito prisioneiro. Por algum tempo, esses oficiais prisioneiros mantiveram correspondência com seus familiares. Depois, cessaram as cartas. Só se voltou a ter notícia deles no dia 13 de abril de 1943...

2. 2 — A "Feroz Amizade" Após A Destruição Da Polônia

"Tudo o que empreendo é dirigido contra a Rússia; se o Ocidente é burro e cego demais para entender isso, serei obrigado a me entender com a Rússia, vencer o Ocidente e depois reunir minhas forças e me voltar contra União Soviética".

(Hitler, segundo Fest (1976, p. 696)

Quando o Exército soviético entrou na Polônia, já se encontravam unidades alemãs a cerca de 200 km a leste da fronteira fixada pelo pacto de 23 de agosto de 1939. Esse avanço poderia ter graves conseqüências. Esperavam-se choques sangrentos e árduos debates diplomáticos entre a Alemanha e a União Soviética. Mas os tiros esparsos, ocorridos aqui e ali, terminaram rapidamente e evitou-se um conflito de maiores proporções. O comandante alemão — General Brauchitsch, fez transmitir às tropas o conteúdo dos acordos de Moscou, e ordenou a retirada para a linha do Narew, do Veichsel e do San.

Hitler pretendia anexar Danzig, a Prússia Ocidental, Posen e o Leste da Alta Silésia, o distrito de Zichenau, a região de Lodz e partes da Masóvia. Stalin, por sua vez, considerava presa soviética a Polônia Oriental, até 1917 intimamente ligada à Ucrânia e à Rússia Branca. As fronteiras adquiridas pela Polônia em 1920, 1924 e 1938, nos Cárpatos, deveriam ser cedidas à Eslováquia e a região de Vilna à Lituânia. Do restante da Polônia, depreendia-se do comunicado conjunto de 18 de setembro, pensavam os vencedores erigir um novo Estado.

Para Stalin, o problema da quinta partilha da Polônia estava intimamente ligado ao da extensão de sua influência nas margens do mar Báltico. Desde o acordo de 23 de agosto de 1939, considerava-se que a Finlândia, a Estónia e a Letônia pertenciam à esfera de interesses soviéticos. Stalin desejava, se possível, submeter também a Lituânia, que Hitler destinara ao papel de Estado-tampão. Essa situação só poderia ser regularizada por novas negociações entre a Alemanha e a União Soviética. A 29 de setembro de 1939, Ribbentrop e Molotov assinaram um novo tratado de "limites e amizade".

A Alemanha recebeu da União Soviética o território de Lublin, o território entre Varsóvia e o Bug e os cumes de Suvalki e em contrapartida, renunciou a seu interesse pela Lituânia. A União Soviética poderia oportunamente estabelecer tropas em território lituano, embora não no sudoeste do país, em torno de Mariampol, na região fronteira à Prússia Oriental. Ao mesmo tempo, ambas as potências concordaram numa reorganização do resto da Polônia, através de medidas que deveriam ser adotadas a posteriori.

Os novos entendimentos entre a Alemanha e a União Soviética levaram a profundas modificações. Enquanto Stalin, como sucedera com a Estónia, impunha seus chamados pactos de assistência mútua, que indicavam claramente os caminhos de uma futura anexação, a 8 de outubro à Letônia e dois dias depois à Lituânia, que recebeu ademais o presente fatal de Vilna; enquanto na Polônia Oriental, através de eleições aparentemente democráticas, criava assembléias nacionais ucranianas e russas brancas, fazendo formular pedidos idênticos de admissão à União Soviética, Hitler procedia à germanização da Polônia Ocidental. Ao contrário de Stalin, Hitler persistia na intenção de criar um novo Estado polonês.

Esse projeto — quer fosse executado, quer permanecesse pendente — era para Hitler uma espécie de "penhor de paz". Ele havia atingido o objetivo da guerra: reunir Danzig à Alemanha, terminar com o Corredor e conquistar novo "espaço vital". Nada portanto deveria tentá-lo a continuar o conflito. Parecia-lhe que a Inglaterra e a França também poderiam interromper a luta sem considerável perda de prestígio, pois seu objetivo — a conservação de um Estado polonês independente — era, ao menos pró-forma, respeitado. Hitler podia considerar-se satisfeito com a situação do front Ocidental. Os franceses tinham se limitado a insinuar a possibilidade de uma ofensiva para aliviar a Polônia.

Desde essa experiência de pouca ou nenhuma efetividade, desenvolveu-se entre os dois adversários no Alto Reno uma troca de programas musicais e maços de cigarro, uma "guerra cômica" (drôle de guerre), segundo a expressão dos franceses. Enquanto isso, a Alemanha e a União Soviética tratavam de veicular uma declaração conjunta em que reafirmavam ser do interesse de todos os povos pôr fim ao presente estado de guerra.

Parecia, na "época, sem nenhuma razão de ser a denominação de "amizade feroz" dada ao relacionamento germano-soviético. O rompimento entre os aliados circunstanciais de setembro de 1939 iria ocorrer em 22 de junho de 1941, quando Hitler deu curso à Operação Barbarossa. Antes disso, o front Ocidental ouviria o troar dos canhões e o ruído dos motores dos blindados alemães, arremetendo em sua vitoriosa "Blitzkrieg". A mudança do cenário de guerra fez com que a Polônia fosse esquecida por algum tempo.

A crônica de guerra internacional esqueceu muitos fatos, como, por exemplo, o destino dos prisioneiros de guerra poloneses que tinham sido internados na União Soviética, em campos como os de Starobielsk e Kosielsk. Muitos deles retornaram para seus lares antes do natal de 1939. Outros, porém, continuaram internados em campos de prisioneiros.

Ao todo, estes últimos atingiriam a cifra de 11.000, dos quais 7.000 seriam oficiais de diversas patentes, incluindo generais. Durante os primeiros seis ou sete meses de cativeiro, isto é, até março-abril de 1940, os familiares dos prisioneiros internados em território soviético receberam cartas, confirmando que todos se encontravam com vida. Depois, no final do inverno e inicio da primavera, de forma abrupta, as cartas deixaram de chegar...

III — BARBAROSSA

3. 1 — Antecedentes

3. 1. 1 — A União Soviética

A expansão da União Soviética a oeste, como se afirma geralmente e com razão, foi deflagrada pela invasão alemã da Polônia. Mas alguns de seus objetivos já se tinham esboçado antes, por exemplo em 1938, quando Moscou iniciou a luta diplomática pelas ilhas Aaland e, no começo de março de 1939, quando exigiu algumas ilhas do golfo da Finlândia. Mas naquela época, concordam os historiadores, o objetivo não era pôr fim à independência finlandesa e sim garantir a segurança de Leningrado.

A partir do rompimento da Segunda Guerra Mundial, os soviéticos puseram à mostra suas reais intenções para com os vizinhos. A Finlândia foi a primeira nação a preocupar-se. Já o primeiro tratado germano-soviético e sobretudo o pacto de assistência mútua, com os quais o Kremlin adquiriu bases militares na Estónia e na Letônia, serviram de advertência a Helsinki. A 5 de outubro de 1939, Molotov havia convidado a Finlândia a negociar "sobre questões políticas concretas" e insinuado que aguardava uma resposta positiva num prazo de 24 horas. O Governo finlandês resistiu, declarando que não seguiria o exemplo das repúblicas bálticas.

Tendo em seguida repelido as exigências russas, que incluíam o arrendamento da península de Hango e uma faixa de terra em torno do lago Ládoga, o Primeiro-Ministro Almo Cajander e o Presidente do Conselho, Marechal Cari Gustav Mannerheim, começaram a preparar-se para uma possível invasão por parte da União Soviética. Camufladamente, o exército finlandês começou a ser mobilizado. Os três Estados escandinavos - Suécia, Dinamarca e Noruega, manifestaram apoio ao Governo finlandês, reafirmando o desejo de manter com ele relações íntimas.

Molotov afirmou que, a 26 de novembro de 1939, a artilharia finlandesa abrira fogo em Mainila, na península da Carélia, contra o território soviético. Exigia que as tropas finlandesas fossem retiradas numa extensão de 20 a 25 km da fronteira, o que significava o abandono por parte da Finlândia de sua única linha de defesa fortificada. Como Cajander rejeitasse a exigência soviética, o Kremlin denunciou ilegalmente o pacto de não-agressão vigente entre os dois países vizinhos. Dois dias depois, a 30 de novembro, esquadrilhas soviéticas apareceram sobre Helsinki e bombardearam o centro da cidade, sem que uma declaração de guerra precedesse o ataque. A Finlândia só tinha 3,5 milhões de habitantes, um exército de paz de três divisões, 96 aviões equipados para combate e pouca artilharia, mas entregou-se com decisão à defesa. Quase todos os povos fora da URSS, inclusive a Alemanha, sentiram viva simpatia pela causa finlandesa, mas diminuta ajuda prática lhe foi concedida.

Para surpresa de todos, apesar da imensa superioridade em homens e armas, os russos não conseguiram bater os finlandeses com a facilidade esperada. As forças armadas do pequeno país nórdico, contando com não mais de 200 mil combatentes, incluindo mulheres (as Lottas), bateram-se com denodo, sob temperaturas de até 40 graus abaixo de zero, inflingindo severas perdas ao inimigo. O exército finlandês recebeu reforços modestos: ao todo 11.500 voluntário procedentes de 26 países, o que representava um apoio modesto ante as 27 divisões soviéticos prontas para romper a Linha Mannerheim, no istmo da Carélia. Apesar das consideráveis perdas soviéticas, Timoschenko, concentram três divisões e 150 carros-de-combate numa estreita faixa de 8 km, conseguir abrir uma cunha em Summa, a 12 de fevereiro de 1940. Começava a ruir o heróico esforço finlandês.

Porém, antes de decidido o conflito, uma débil e frustrada ameaça de ajuda ao país nórdico, por parte da França e da Inglaterra, iria selar a sorte dos poloneses que ainda se encontravam aprisionados em território soviético: o Governo francês sugeriu, e os ingleses após terem aprovado chegaram mesmo a planejar um desembarque de remanescentes do Exército polonês (que se encontravam refugiados na Inglaterra), nos portos soviéticos do Ártico. Inteirando-se dos detalhes dessa manobra, Stalin teria tomado uma drástica providência... A 12 de março de 1940 terminava a Guerra de Inverno, que, segundo a propaganda soviética, representara uma vitória de Stalin sobre a "pérfida Finlândia", cujos "banqueiros e generais" haviam tido a insolência de agredir a pacífica União Soviética.

Algumas conseqüências da Guerra de Inverno foram as seguintes:

1. Reações mundiais ao assalto soviético sem provocações culminaram na expulsão da URSS da Liga das Nações, em 14 de dezembro de 1939, um gesto final daquela frágil organização para manter o status quo.

2. As renovadas e enormes exigências soviéticas feitas ao Reich, de equipamento militar, especialmente de maquinaria para a manufatura de munição de artilharia pesada com a qual destruir as fortificações da Linha Mannerhein, dificilmente dariam para esconder aos olhos dos estrangeiros a extensão da perda de prestígio do Exército Vermelho.

3. A 20 de janeiro de 1940, após os fracassos iniciais da União Soviética, Winston Churchill declarou pelo rádio que os finlandeses haviam "demonstrado ao mundo inteiro a incapacidade do Exército e Força Aérea soviéticos".

4. A União Soviética sofreu 200 mil baixas, que admitiu, no decurso da breve campanha de inverno contra a Finlândia, e fora obrigada a empregar
30% de sua Força Aérea.

Fosse ou não previsto pela Alemanha, o rápido controle soviético dos governos dos Estados Bálticos entre 15 e 19 de junho de 1940, refletia a determinação de Moscou de tirar vantagens, pelo menos, do período em que o Exército alemão esteve voltado para o Ocidente. Os cumprimentos de Molotov pelos "esplêndidos êxitos" do Exército alemão, na França, de modo algum amenizaram o choque quando em 23 de junho de 1940, os soviéticos exigiram a imediata partilha da Romênia, não simplesmente da província da Bessarábia (previamente destinada a URSS pelos acordos de 1939), mas também da província da Bucovina.

A ocupação do norte dessa província pelos soviéticos, colocou Hitler em sobressalto: Tratava-se aqui da ocupação de uma base de operações ofensivas, onde Stalin concentrou imediatamente suas melhores unidades de ataque. A tensão entre a Alemanha e a União Soviética se esboçava com crescente nitidez.

3. 1. 2 — A Alemanha

Derrotada a Polônia, Hitler tentou firmar a paz com as potências ocidentais. Seus olhos sempre estiveram voltados para o leste europeu. **Higgins (1969, p.63)** relata trechos de um desabafo do Führer: "Antes, eu queria trabalhar com a Inglaterra, mas ela rejeitou-me repetidamente. É verdade que nada existe pior do que uma briga em família, e, racialmente, os ingleses são de certa maneira nossos parentes (...) É lamentável que devemos estar empenhados nesta luta de morte, enquanto nossos inimigos no leste podem reclinar-se e esperar até que a Europa fique exausta. É por essa razão que não desejo destruir a Inglaterra e que jamais afarei". No dia 26 de março de 1940, a Inglaterra e a França firmaram um acordo a partir do qual nenhum dos aliados poderia iniciar isoladamente negociações para um armistício.

Dois dias antes da assinatura desse acordo, foi tomada uma decisão importante no lado alemão. O Almirante Raeder persistia em sua concepção de que os aliados continuavam querendo privar a Alemanha do minério sueco. A ofensa à neutralidade holandesa pelo planejado ataque a oeste, poderia — entendia ele — servir de pretexto à Inglaterra para medidas contra o porto de Narvik (na também neutra Noruega), por onde o minério sueco era embarcado para a Alemanha. A operação "Exercício no Weser" devia, portanto, preceder ao ataque à França.

No dia 9 de abril de 1940, os exércitos alemães, em rápida operação, invadem a Dinamarca e a Noruega. Na Dinamarca foi rápida a intervenção, pois não houve maior resistência. A ocupação da costa norueguesa ofereceu alguma dificuldade aos alemães, mormente em razão das águas revoltas do mar Báltico. Apesar de encontrar alguma resistência em solo norueguês, as tropas alemãs acabaram concretizando o "Exercício no Weser". A tentativa inglesa de expulsar os alemães da Noruega resultou em rotundo fracasso para o Governo de Churchill.

Com suas posições consolidadas no Báltico, Adolf Hitler resolveu romper o impasse na fronteira Ocidental. O plano de ataque — sob o nome "Amarelo" — fora proposto pelo General Erich von Manstein e deveria desenvolver-se em duas fases:

1) tendo como ponto nevrálgico o sul de Namur, contra o Soma e a área em que o mesmo desemboca;

2) pelo reagrupamento de todas as forças engajadas em direção sul. O objetivo era a destruição da ala dos ingleses e franceses em retorno, nas proximidades da costa, em território belga, e mais tarde das restantes unidades aliadas.

No dia 10 de maio, data da nomeação de Churchill como 1º Ministro britânico, as tropas alemãs irrompiam através da Holanda, da Bélgica e do Luxemburgo. Menos de 20 dias depois, os ingleses começavam a retirar-se de solo continental. Ocorria a controvertida "retirada de Dunquerque". Os ingleses, aparentemente perdidos, teriam sido salvos por um erro estratégico dos alemães, ou por um ato de magnanimidade de Hitler? A verdade é que o Führer alemão sempre acreditou que pudesse chegar a um acordo com a Inglaterra, o que importaria em deixá-lo inteiramente livre para a consecução de seu mais caro desejo: a destruição da União Soviética, no leste.

Em 1924, Hitler dissera — conforme **Higgins (1969, p. 64)**:

"Somente em aliança com a Inglaterra, com a retaguarda protegida, seria possível começar uma nova invasão da União Soviética''.

Mas, os ingleses não quiseram chegar a nenhum acordo com a Alemanha. O estado de guerra entre os dois países prosseguiu no mar e no ar, com Hitler se vendo obrigado a planejar e adiar, indefinidamente, a invasão da Inglaterra. Enquanto isso, no leste, a tensão entre alemães e soviéticos aumentava. O Ministério das Relações Exteriores da Alemanha teve que executar a tarefa ingrata de explicar aos soviéticos o envio de tropas à Romênia, sob a absurda alegação de proteger os campos petrolíferos de Ploesti contra incursões britânicas. (Hitler, em realidade, se adiantava aos russos). Sem se mostrar amável, Molotov recusou-se a admitir qualquer ameaça britânica à Romênia, dizendo que a Inglaterra estava muito ocupada defendendo a vida, sendo bastante improvável, senão impossível, sua intervenção nas remotas regiões do baixo Danúbio (Balcãs). Os preparativos para a grande aventura à leste (Operação Barbarossa) estavam em pleno curso.

3. 2 — O Desencadeamento Da Operação

Ao amanhecer de 22 de junho de 1941 uma formidável barragem de artilharia rompe o silêncio da madrugada. Lentamente, depois acelerando mais e mais os panzer rolaram para leste. Começara a grande invasão". **(Ronald Seth, 1966, p. 3)**. A 5 de dezembro de 1940, o General Halder submeteu a Hitler, para sua aprovação extra-oficial, o plano do O.K.H., relativamente à União Soviética. O Führer concordou com o propósito declarado do plano de esmagar o Exército Vermelho o mais próximo possível da fronteira em uma campanha relativamente curta, na ocasião programada para começar em 15 de maio. A indesejada intervenção de Mussolini na Albânia e na Grécia obrigaria Hitler a adiar o desencadeamento de sua grande campanha no leste, decretando, sem sombra de dúvida, a impossibilidade de derrotar o Exército Soviético antes do inverno.

O plano inicial de Halder sofreu algumas modificações, ganhando, em 18 de dezembro, os contornos definitivos, sob o nome de Operação Barbarossa. A partir de então, durante vários meses, foi organizado o maior logro da história da guerra para encobrir a Operação Barbarossa. Não só esta continuaria sendo descrita como medida simplesmente preventiva contra um possível ataque soviético, como a já arquivada Leão Marinho (invasão da Inglaterra) era reanimada para a primavera de 1941, com a intenção de ludibriar os russos. Apesar de tudo, durante os meses de março e abril de 1941, o Exército Vermelho gradativamente aumentou suas guarnições de fronteira e recomeçou a construção de fortificações nas regiões bálticas recentemente adquiridas da Polônia e da Romênia.

De acordo com a maioria dos historiadores, infelizmente para os soviéticos, o comando do Exército tomava uma decisão desastrosa ao abandonar inteiramente as fortificações da linha anteriormente forte do Dnieper, para ocupar posições mais avançadas nas novas conquistas ocidentais. Quanto mais próximos estivessem por ocasião do ataque alemão, tanto mais seriam encurtadas as vias de suprimento do invasor. Além disso, concentrando tropas numa linha única de defesa avançada, sem dispor de uma estratégia baseada na atração das tropas alemãs para os imensos espaços, onde poderiam ser mais facilmente isoladas e contra-atacadas, os russos acabaram facilitando o envolvimento e a aniquilação das mesmas, tal como Hitler previra em seu plano final.

Enquanto isso, muitas autoridades alemãs de 1º e 2º escalões continuavam ignorando as intenções de Hitler. O conde von Schulenburg, embaixador alemão em Moscou, no dia 28 de abril de 1941 teve um encontro com Hitler. De acordo com relato posterior, disse que, embora o Führer tivesse negado que abrigasse a intenção de atacar a União Soviética em futuro próximo, saíra da reunião com a certeza de que isto ocorreria. Já no começo de maio, em Berlim, os rumores de um iminente ataque alemão à União Soviética estavam muito espalhados e persistentes para serem ignorados pelos observadores estrangeiros.

Os preparativos finais para o desencadenamento da Operação Barborossa chegaram ao fim em uma reunião geral dos comandantes militares interessados, realizada em Berlim, no dia 14 de junho de 1941. Hitler descreveu a campanha do leste como sendo inevitável e preferível naquela ocasião porque, mais tarde, o Exército Vermelho estaria mais bem treinado e equipado e os alemães talvez estivessem empenhados em uma luta noutro local. Desde o dia 14 de junho, os submarinos alemães foram liberados para atacar os similares soviéticos nas proximidades da costa alemã, pois a partida de navios germânicos com destino a portos soviéticos fora interrompida sob diversos pretextos. No dia 17 de junho, a data para o desencadeamento do ataque à União Soviética foi definitivamente confirmada para 22 de junho, e a partir de 18 os subterfúgios para o estágio final da campanha já não foram necessários.

Na noite de 21 de junho — **conforme Salisbury (1970, p. 51)** — "um grupo avultado de agentes políticos da Administração Política Central do Exército Vermelho visitou inúmeras unidades, incluindo o 11º Exército, sob o comando de Kuznetsov. Na oportunidade, asseguraram aos oficiais e praças que não haveria guerra e os rumores vindos de Moscou não passavam de provocações insufladas por agentes inimigos, provavelmente ingleses, interessados em lançar alemães e soviéticos em guerra". Muitas unidades russas, ao receberem os primeiros impactos da artilharia alemã, na madrugada de 22 de junho, insistiram em ligar-se com a retaguarda, indagando o quê fazer. Barbarossa estava iniciando, para desencanto dos alemães até então vitoriosos. Em abril de 1919, Lloyd George dissera: "A Rússia é um país que se pode invadir muito facilmente, mas cuja conquista é muito difícil".

O Exército alemão atacava em três frentes: ao norte, sob o comando de Leeb; no centro, sob o comando de Bock; e ao sul, sob o comando de Rundstedt. Na manhã em que teve início a guerra, o Exército Soviético estava dividido em quatro grupos: a Frente Norte, sob o comando de Popov; a Frente Noroeste, sob o comando de Kuznetzov; a Frente Sudoeste, sob o comando de Kirponos; e a Frente Sul, sob o comando de Tiuleniev. Essas unidades haviam marchado, em sua grande maioria, em direção a três pontos de encontro, numa profundidade de 100 até 150 quilômetros. Tal como ocorrera na frente Ocidental, as tropas alemãs irromperam de roldão, desbaratando os defensores e dando a impressão de que a vitória, apesar do atraso ocasionado pela intervenção nos Balcãs, seria uma questão de poucas semanas.

IV — AS AÇÕES NO RUMO DE MOSCOU

As 150 divisões alemãs na frente soviética, organizadas em três Grupos de Exércitos, montavam em 3.300.000 homens no início da campanha. O Grupo Central de Exércitos, comandado pelo Marechal-de-campo Fedor von Bock, era composto de 51 divisões e desde logo seus componentes perceberam que reinava grande confusão no seio do Exército Vermelho.

Este Grupo interceptou a hoje notória mensagem telegráfica de uma unidade subordinada do Exército Vermelho a um quartel-general superior:

"Estamos sob tiroteio. Que faremos?"

Higgins (1969, p. 131) diz que a resposta do quartel-general superior foi muito além de qualquer das reações americanas em Pearl Harbor seis meses mais tarde, ao dizer:

"Vocês devem estar loucos. E por que a mensagem não está em código?"

Muitas bocas de fogo não puderam responder à artilharia alemã, simplesmente porque as unidades soviéticas, especialmente as da fronteira, não tinham controle sobre a distribuição de suas munições. Isso refletia a política de Stalin de evitar provocações a qualquer preço. A primeira ordem de operações conhecida, do Exército Soviético, emitida quatro horas depois do ataque alemão, foi quase do mesmo nível de passividade não provocadora. Proibiu-se toda e qualquer travessia da fronteira alemã, mesmo na possibilidade de um contra-ataque. Daí decorreu, sem sombra de dúvida, o estouro da "bolha de sabão".

4. 1 — A "Bolha De Sabão"

Embora unidades individuais do Exército Vermelho começassem imediatamente a lutar com uma coragem invulgar, especialmente na fortaleza fronteiriça de Brest-Litovsk, a conclusão do General Halder era de que os russos haviam perdido o controle na maior parte da frente de batalha, estando a recuar cegamente, sem um plano racional. A inexperiência e o mau emprego das numerosas formações de tanques soviéticos, durante aqueles primeiros dias — segundo os observadores — foram quase inacreditáveis.

O Terceiro Grupo Panzer, integrado ao Grupo Central de Bock, abriu sem grandes dificuldades um rombo de 80 milhas de largura entre as Frentes soviéticas. As divisões Panzer alemãs, tal como ocorrera no Ocidente (França), rompiam pelas planícies. Todavia, para desapontamento de Hitler, que continuava na esperança de chegar a "uma duradoura amizade" com os ingleses, Winston Churchill publicamente acolheu a União Soviética como aliada na luta contra a Alemanha nacional-socialista. Manifestações dessa natureza não eram suficientes para mudar o rumo dos acontecimentos. Continuava o rápido avanço do Grupo Central de Bock.

Uma armadilha alemã, além da cidade de Minsk, durante a primeira semana de julho, resultou na captura de 300.000 prisioneiros soviéticos, além de 2.500 tanques e 1.400 canhões. Não obstante a indecisão de Hitler, no tocante à estratégia (fixação de prioridades entre os três Grupos), devido fundamentalmente à superioridade em tanques e aviões, o Grupo Central continuou conquistando vitórias e introduzindo profunda cunha em direção ao rio Dniepper. Evitando as restrições de seu superior imediato, Marechal Guenther von Kluge, Guderian, na terceira semana de julho, atravessara o Dniepper e conquistara Smolensk, tendo percorrido quase dois terços do caminho para Moscou.

Quando o Grupo Panzer de Guderian encontrou as tropas de Hermann Hoth, vindo do norte, apesar de dura resistência, cerca de 200.000 russos da Frente Ocidental de Timoshenko acabaram sendo aprisionados. As seguidas vitórias alemãs semearam o pânico entre os dirigentes soviéticos, dando margem a que fossem tomadas severas providências. Todos os recursos do terror revolucionário foram postos em prática contra cidadãos e soldados considerados desleais, derrotistas e/ou desertores. Comandantes tidos como incompetentes foram fuzilados sumariamente. De acordo com registros alemães — divulgados por **Higgins (1969, p. 142)** — a Polícia Secreta Soviética matara quatro mil prisioneiros políticos ucranianos só em Lemberg, na semana anterior à conquista da cidade pelos alemães, em 30 de junho.

Logo após os primeiros insucessos, o General D.G. Pavlov, comandante da Frente Ocidental na Rússia Branca, foi substituído pelo General Andrei Yeremenko, que fora apressadamente chamado do Extremo Oriente. Pavlov e vários subordinados foram executados como bodes expiatórios do desastre inicial. A volta de Stalin à liderança ativa e seu papel como Comandante Supremo das Forças Armadas soviéticas, depois de 9 de agosto não chegou a melhorar muito a situação.

Como era desejo da Inglaterra prorrogar ao máximo a resistência soviética,o que desgastaria sobremaneira aos alemães, Churchill solicitou ajuda dos Estados Unidos à União Soviética, mesmo que isso resultasse em prejuízo para seu esforço de guerra. A 25 de julho, o Presidente Roosevelt ordenou a transferência de munições, já destinadas aos ingleses, para a União Soviética. Ao mesmo tempo, o Presidente mandava Harry Hopkins a Moscou como seu representante pessoal, para assegurar-se em nível mais elevado das reais necessidades e chances da União Soviética no prosseguimento da luta.

4. 2 — A “Estrada” De Moscou

Hitler vacilava ainda em sua estratégia. Ora se inclinava pelo esforço principal ao norte, onde pretendia tomar Leningrado, com a ajuda dos finlandeses; ora voltava os olhos para as riquezas da Ucrânia, ao sul, entendendo que Rundstedt deveria receber todas as prioridades em reforços. Todavia, era no centro, justamente na “estrada” que levava a Moscou que as perspectivas se mostravam mais alvissareiras. Apesar disso, quando o Exército, cada vez mais ansioso, insistia no ataque à capital soviética em vez da prematura aquisição do saque político e econômico, tão sofregamente procurado por Hitler, o O.K.H. apresentou ao Führer o primeiro pedido de uma coleta pública de agasalhos de inverno.

Enfurecido, o ditador rejeitou a sugestão alegando que prometera ao povo alemão que seus soldados estariam de volta antes do Natal. Entrementes, o debate estratégico entre Hitler e o Alto Comando do Exército continuava ardendo. Não se chegava a um acordo com relação ao centro de gravidade da campanha. Em 18 de agosto, Brauchitsch e Halder voltaram à carga através de um memorando. Salientavam que o Exército necessitava de um mínimo de dois meses para a tomada de Moscou e isto só seria possível se lhe desse ampla prioridade em recursos sobre todos os outros empreendimentos.

Era essencial ação imediata para que se complementasse a operação de tomada de Moscou antes do início das chuvas de outono, em outubro. Hitler colericamente rejeitou o memorando. Segundo registros de Halder, o Führer declarou com bastante clareza: “O objetivo principal que se deve atingir ainda antes do inverno não é a conquista de Moscou, e sim no sul, a conquista da Criméia e da região industrial e carbonífera do Donets, assim como se deve isolar as regiões de petróleo russo, no Cáucaso”. A 6 de setembro, voltando atrás, Hitler ordenou uma reestruturação das forças Panzer do Grupo Central, recompletando as lacunas em pessoal e material. Agora, depois de uma perda de tempo que resultaria fatal, pendeu para o propósito de lançar uma ofensiva decisiva contra as forças de Timoshenko, que tentavam impedir o acesso à capital soviética.

Hitler dispunha, como acabou por compreender, de limitado tempo antes que o inverno russo paralizasse a tudo e a todos. A situação russa parecia ir de mal a pior. Depois de inúmeros debates durante a segunda quinzena de setembro, os governos britânico e norte-americano concordaram em fornecer conjuntamente à União Soviética 400 aviões e 500 tanques mensalmente, durante os noves meses seguintes. Enquanto isto, após Hitler ter cessado em suas vacilações, o Grupo Centro arremetia de forma lenta, mas inexorável, no rumo de Moscou. O General Yeremenko, no comando da Frente de Briansk a sudoeste de Moscou, implorou permissão para retirar três exércitos ameaçados de cerco, antes que fossem capturados.

No Stavka, em 3 de outubro, o general Shaposhnikov contemporizou. No dia seguinte, a cidade de Briansk caiu e a grande investida de Guderian colheu a maior parte do Terceiro, Décimo-Terceiro e Décimo-Quinto Exércitos russos. Infelizmente para os alemães, Guderian defrontou-se pela primeira vez com os tanques T-34 de fabricação soviética, cujas fáceis manobras na lama provaram sua superioridade sobre o Mark IV alemão. Ao mesmo tempo, as primeiras chuvas e granizos de outono tornaram as estradas impraticáveis. Apenas os veículos de lagarta conseguiam, a custo, mover-se no lodaçal que tomou conta de tudo. Moscou ainda estava um pouco distante, mas o Alto-Comando alemão acreditava piamente em sua tomada antes do Natal.

Embora o General Zhukov fosse designado em 10 de outubro como substituto de Timoshenko no comando da Frente Ocidental, com não menos de 40% do Exército Vermelho à sua disposição, o Grupo de Exército de Bock já armara com sucesso outra gigantesca armadilha em Vyasma que, com a de Briansk, acabou resultando na captura de 660.000 prisioneiros de sete exércitos soviéticos. Foram apreendidos 5.500 canhões e 1.200 tanques. Poderia o Exército soviético suportar tamanha sangria? A esta altura, até mesmo o sempre cauteloso Halder admitiu que "com comando razoavelmente bom e tempo moderadamente bom, será impossível não cercar Moscou antes do Natal". Hitler, mais eufórico do que Halder, no início de outubro proclamou publicamente que o Exército Vermelho fora abatido para "nunca mais se erguer" e que Moscou seria tomada num máximo de três a quatro semanas.

Os alemães já não eram os únicos a acreditar na tomada de Moscou, pois afinal poucos exércitos — ou nenhum — jamais seriam capazes de suportar as perdas materiais de monta e substituir os mais de três milhões de prisioneiros e outro tanto de mortos e feridos. O caos e a desmoralização dos comandos subordinados na Frente Ocidental soviética estavam se alastrando rapidamente. Seus efeitos deletérios atingiam Moscou, afugentando a população e obrigando, inclusive, a evacuação do corpo diplomático. Em 15 de outubro, as tropas alemãs encontravam-se em Mozhaisk, distante 90 quilômetros de Moscou. A cidade entrou em pânico.

Mais de meio milhão de civis abandonaram às pressas a cidade. Saque, queima de documentos e outros acontecimentos semelhantes, assinalaram a expectativa russa da iminente perda de sua capital. De qualquer modo, o comando soviético não descurava das medidas de defesa. Meio milhão de habitantes foram apressadamente requisitados para construir linhas de defesa nas cercanias e no próprio interior da cidade. Mas, nem tudo apontava para o sucesso do Exército alemão.

No começo de novembro, a chegada da geada na região de Moscou, assim como a exaustão das forças invasoras, atoladas perto da capital, davam um novo alento aos soviéticos e concediam-lhes um precioso tempo para reorganização e concentração de reforços. O cadáver embalsamado de Lenin desapareceu de seu mausoléu na Praça Vermelha. Tropas disciplinares vasculhavam as ruas de Moscou, enforcando desertores e fuzilando amotinados. O NKWD esvaziou as prisões a seu estilo. Já se podia ouvir o troar dos canhões alemães.

4. 3 — O Desfecho

Richard Sorge, o mais importante espião soviético durante a Segunda Guerra Mundial, se não foi o salvador de Moscou, pelo menos muito colaborou para isto. Ao tempo em que os soviéticos enfrentavam os alemães, não podiam desguarnecer a Sibéria, cujo território era ameaçado por um inimigo em potencial — o Japão. Foi através de Sorge que o Kremlin se certificou de que o Japão, tendo de decidir entre duas alternativas, preferira atacar os Estados Unidos. O referido agente, que mantinha bons contatos com repartições do Governo japonês, informou Moscou de que os nipônicos, tendo esgotado as possibilidades de um acordo com os Estados Unidos, decidira atacar aquele país.

A 15 de outubro o Kremlin teve a certeza de que poderia remover tropas da Sibéria, reforçando a defesa de Moscou. Além do inestimável serviço prestado por Richard Sorge, há que fazer referência a outro aliado de não menor valia: a lama, que cobriu as estradas não pavimentadas de um lodo sem fundo, onde veículos e canhões afundavam até acima das rodas e cavalos e soldados só podiam mover-se à custa de ingente esforço. O barro — segundo o relato de participantes da campanha, pesava como chumbo. Os suprimentos custavam a chegar e eram sempre insuficientes.

Graças à decisão japonesa de atacar ao sul, 21 das 34 unidades do Extremo Oriente estavam agora diante de Moscou, reforçando a extrema linha de defesa soviética. Uma carga de cavalaria de uma brigada mongólica, em Mussino, revelou a bravura e o fatalismo com que lutavam. Por outro lado, as temperaturas desceram a mais de 20 graus abaixo de zero. Em alguns dias, como a 27 de novembro, chegaram até 40 graus abaixo de zero. O Exército alemão estava despreparado para enfrentar essa onda de frio. A falta de meios para enfrentar o congelamento deteve os tanques, emperrou as armas automáticas e aparelhos de rádio. As caldeiras das locomotivas estouraram. As tropas necessitavam diariamente de 26 trens de abastecimento e só chegavam de 8 a 10.

Milhares de cavalos morriam por falta de forragem. As tropas sofriam pesadas baixas por enregelamento. A falta de previsão, por parte de Hitler, para uma campanha de inverno, estava reduzindo ou mesmo anulando qualquer possibilidade de um avanço vitorioso sobre Moscou. A 1º de dezembro de 1941, Bock declarou em telegrama ao Alto Comando do Exército que o prosseguimento do ataque lhe parecia, a esta altura, inviável e sem sentido, tanto mais que se aproximava rapidamente o momento da exaustão total de suas tropas. Apesar do alerta de quem convivia com as agruras do teatro de operações, Halder instou no sentido de que se fizesse um último esforço antes de suspender a ofensiva.

Ele sabia que Hitler jamais autorizaria uma retirada para posições de inverno, como pretendia o comandante do Grupo Centro, e, neste caso, era melhor que o Exército passasse o inverno ao abrigo da capital tomada, do que tivesse que acantonar a descoberto, sob um tempo inclemente. Algumas tropas alemãs chegaram a tomar subúrbios da capital soviética. De binóculos, muitos oficiais puderam ver as torres do Kremlin. Mas, isto foi o máximo a que puderam chegar. A maré alemã chegara a seu ponto culminante.

A partir daí, pouco a pouco, os russos iriam recuperar o terreno perdido, mantendo quase que invariavelmente a iniciativa. Nenhum dos objetivos fixados por Barbarossa puderam ser atingidos. A linha geral Astracan-Arcângel estava muito distante. Nem mesmo a estrada de ferro de Murmansk, ao norte, pela qual dentro de alguns meses os soviéticos receberiam, pelo “empréstimo e arrendamento” americano, mais aviões, tanques e caminhões do que o Exército alemão do leste jamais possuíra, pudera ser interrompida com eficácia.

A Operação Barbarossa transformou o mundo: provocou a aliança das potências anglo-saxônicas com a União Soviética e permitiu ao Japão seu avanço no sudeste asiático. Cabe aqui abrir um parêntese sobre um dos crimes de guerra atribuído alemães: a morte de "milhões" de prisioneiros de guerra russos, quase todos por "inanição". É fácil imaginar o porquê dessa fatalidade. O Exército alemão não esperava e muito menos estava preparado para absorver e alimentar os enormes contigentes de prisioneiros soviéticos capturados nos seis primeiros meses da guerra. As cifras foram tão elevadas que, em dados momentos, chegavam a superar até mesmo o efetivo total do exército alemão no leste.

A velocidade do avanço alemão foi de tal ordem que as linhas de suprimento logo se tornaram insuficientes. Além da extensão geográfica, há que levar em consideração os contínuos atos de sabotagem e ação dos guerrilheiros. Houve momentos em que só chegavam à frente de batalha de 8 a 10 trens de suprimento, em face a uma necessidade de, pelo menos, 26 composições. Como suprir as próprias necessidades e, de contrapeso, alimentar um efetivo de 3,5 milhões de prisioneiros? Os responsáveis pela logística fizeram o melhor que poderia ser feito, mas só os mágicos são capazes de retirar coelhos de cartolas...

V — O GRUPO CENTRO:
DE JANEIRO DE 1942 A ABRIL DE 1943

5. 1 — O Inverno De 1941/1942

O ataque à União Soviética fracassara, pois o objetivo fixado por Hitler de derrotá-la numa campanha rápida, antes do inverno, não fora conseguido. Todavia, o Führer acreditava poder recuperar a iniciativa perdida até o fim do inverno. Teimava ele, reunido com seus generais em Wolfsschanze ("Toca do Lobo"), na Prússia Oriental, que os reveses do final de 1941 não passavam de crises transitórias provocadas muito menos pelo poderio bélico do inimigo do que por falhas de organização ou por "apreciações falsas de comandantes dominados pelo nervosismo e sem a decisão e a dureza nacional-socialista".

O centro de gravidade da luta situava-se agora, nitidamente, no setor central em frente a Moscou. Já no fim de novembro de 1941, o Alto-Comando soviético havia preparado uma contra-ofensiva nessa frente. O plano fora examinado pelo Marechal Schaposchnikov, reelaborado em base mais vasta e recomendado à instância superior. O Comitê Estatal para a Defesa (GOKO) e o Stawka o aprovaram e ele se tornou a base das operações de inverno do Exército Vermelho.

As melhores forças dessa grande ofensiva — 15 divisões de infantaria, 3 de cavalaria, ao todo cerca de 400.000 homens com l.700 carros de combate e 1.500 aviões — vinham em sua maioria da região além do Baikal e da Mongólia Exterior, onde se haviam tornado dispensáveis em conseqüência da decisão japonesa de voltar-se contra os Estados Unidos, a Inglaterra e as índias Ocidentais Holandesas. Excetuadas algumas tropas enviadas a Leningrado, Stalin concentrou-as nas proximidades de Moscou. As forças soviéticas compreendiam um total de 165 divisões, enquanto Bock e seu Grupo do Exército Centro dispunham de 68 divisões. As tropas soviéticas haviam sido em boa parte renovadas, enquanto os alemães se encontravam desgastados pelo esforço dispendido na tentativa de tomada de Moscou.

Os três grupos do Exército soviético deveriam atacar frontalmente as forças alemãs e ao mesmo tempo, por dois lados, na ala sul através de Suchinitschi e na ala norte por Rshev. Durante a segunda etapa da ofensiva, os russos pretendiam cortar as comunicações do adversário na retaguarda, isto é, isolando a estrada de ferro na região de Smolensk. Como objetivo derradeiro, o Stawka teria de dar um golpe direto em direção ao oeste, imprensando o que restasse do Grupo do Exército Centro alemão em Vyasma. Voltando atrás em decisão anterior, o Stawka decidiu engajar guerrilheiros nas operações por ele dirigidas. A esta altura, mesmo sem a aprovação do órgão condutor da guerra, já atuavam na retaguarda alemã inúmeros grupos de guerrilheiros, operando com diversos armamentos, a partir de bases localizadas em florestas e pântanos pouco acessíveis.

Esses grupos eram formados, em grande parte, por fugitivos dos campos de prisioneiros, mas também por funcionários do Partido e membros do Komsomol. Stalin criou um Estado-Maior Central das Guerrilhas (GShPD), sob o comando do General Klement E. Voroschilov, cuja missão era planejar as ações, abastecer os grupos com mantimentos, meios de informação, armas e explosivos e coordenar suas relações, já que, até então, eram comuns as disputas internas. A contra-ofensiva soviética na região de Moscou foi iniciada a 5 de dezembro de 1941 pelo Grupo do Exército de Kalinin, comandado por Koniev, em ambos os lados da represa da bacia do Volga. Nos dias seguintes, foram desfechados os ataques lateriais previstos pelo Stawka. As penetrações nas alas foram precedidas por vivo fogo de artilharia de todos os calibres, especialmente as temidas salvas de foguetes.

Bock expedira ordens no sentido de que se formasse uma linha defensiva, um pouco atrás de onde se encontravam as tropas alemãs (Kursk-Orel-Medyn- Rshev) como “posição de inverno”. Mas antes que se pudesse iniciar esse trabalho, aliás extremamente difícil sob temperaturas de 20 a 30 graus abaixo de zero, quase três divisões do Exército alemão haviam sido isoladas. Do conjunto da tropa comandada por Bock, apenas o 4º Exército, de Kluge, ainda mantinha sua antiga posição. Quando Brauchitsch chegou à direção do Grupo Central (Bock), em Smolensk, a 13 de dezembro de 1941, percebeu claramente que era necessário o recuo para a linha de inverno. Mas o Alto-Comandante do Exército não ousou dar a ordem de retirada. Só vinte e quatro horas depois solicitou a decisão de Hitler. Para esse, porém, também foi difícil resolver o problema.

Três pontos de vista vieram a predominar:

1) não existia ainda, pronta, uma “posição de inverno”;

2) faltavam ainda reservas para ocupá-la;

3) até a chegada de novas tropas, dada a dificuldade dos transportes, passaria ainda algum tempo.

Hitler proibiu por isso qualquer recuo voluntário.

Três dias após essa instrução, o Marechal-de-Campo Walther von Brauchitsch, gravemente doente do coração, afastou-se e Hitler assumiu o comando do Exército. Houve outras alterações durante a campanha de inverno: o Marechal Fedor von Bock foi licenciado por motivos de saúde, entregando o comando do Grupo Centro a Günter von Kluge; por causa dos atritos surgidos entre o novo comandante do Grupo Centro e o comandante dos tanques, o General-de-Exército Heinz Guderian, este último acabou substituído por Rudolf Schmidt. O General-de-Exército Erich Hoepner, que em vista da ameaça de penetração inimiga dera ordem a seu exército blindado de recuar para uma linha mais curta, foi expulso do Exército e degradado.

Apesar das destituições e punições, os alemães continuaram cedendo terreno. A ofensiva soviética avançava sem parar. A frente alemã tornara-se extremamente frágil. Muitos regimentos haviam sido reduzidos à força de batalhões. Uma divisão comunicou só dispor de 300 homens válidos. A população civil teve que ser utilizada para a limpeza das estradas seriamente prejudicadas pela neve incessante. Mas apesar dos desesperados esforços, o fornecimento de munições e víveres se tornou cada vez mais reduzido e eram poucas as novas forças que chegavam à frente. Os transportes ferroviários foram praticamente paralizados e os voos dependiam das condições atmosféricas. As florestas em torno dos entroncamentos ferroviários, como o de Briansk, Smolensk e Vyasma, estavam cheias de guerrilheiros que todas as noites dinamitavam pontes, material rolante, postos e depósitos, colunas e centros de transmissão.

Perto de Minsk, um comando de guerrilheiros tentou desencadear uma revolta dos prisioneiros de guerra engajados em trabalhos forçados. Mas membros do serviço de segurança descobriram o plano e os conjurados e seus agentes acabaram na forca. Por largo tempo, a ligação ferroviária entre Smolensk e Vyasma esteve interrompida pela ação dos guerrilheiros. Esperando o momento adequado, Schukov lançou um forte ataque contra o 4º Exército alemão. A 18 de janeiro de 1942, Golubiev à testa do 43º Exército abriu uma profunda brecha que a custo foi fechada. Uma semana mais tarde, o 39º Exército, sob o comando de Bersarin atingiu a zona noroeste de Vyasma, enquanto o I Corpo de Cavalaria de Guerra (Belov) e o 5º Exército (Boldin) aproximaram-se perigosamente de Smolensk. Parecia ter chegado o fim do Grupo de Exército Centro.

Se para a retaguarda as ligações do Grupo Centro tinham sido praticamente cortadas, também estas eram muito precárias com os outros Grupos de Exército. No sul, os bandos de guerrilheiros perturbavam as vias de comunicação, principalmente nas localidades de Orei e Briansk; no norte, a ala direita de Koniev rompera a sutura entre o lado Selinger e Velikije Luki. A extrema retaguarda do 4º e do 9º Exércitos alemães ficaram isoladas. Os soviéticos pressionavam também os outros dois Grupos de Exército alemães, impedindo que estes cedessem reforços ao Grupo Centro, agora sob o comando de Kluge. A situação piorava de dia para dia. A linha de frente, devido a proibição de recuos por parte de Hitler, tornara-se incrivelmente sinuosa.

No entanto, os erros do adversário parecem ter sido decisivos para o sucesso da defesa alemã. O principal era a excessiva extensão do plano de ataque de 30 de novembro. Stalin, impelido por objetivos políticos de âmbito mundial, quisera destroçar as forças alemãs em todas as frentes, através de ofensivas simultâneas ou sucessivas e obter rapidamente uma vitória total. Com isto, acabara dispersando suas próprias forças, que poderiam ter chegado a melhores resultados se aluassem concentradas e visando objetivos menos ambiciosos.

Em poucos meses mudara o quadro geral da guerra entre alemães e russos: no final de outubro e início de novembro de 1941, os alemães estiveram a ponto de decidi-la a seu favor com a tomada de Moscou; no final do inverno — isto é, em março de 1942 — foram os soviéticos que estiveram mais perto dela. A partir daí, apenas no teatro sul das operações as tropas alemãs iriam retomar a ofensiva, chegando às margens do Volga e tomando Stalingrado. Ao norte, o cerco de Leningrado chegaria à marca de 900 dias, sem que os alemães pudessem toma-la.

5. 2 — De Março A Dezembro De 1942

Não tendo o Exército alemão conseguido atingir, no leste, nenhum dos objetivos fixados para o ano de 1941, iniciou-se o ano de 1942 sem que houvessem metas de longo alcance. A 13 de fevereiro, a Divisão de Operações do Estado-Maior do Exército ordenou às suas unidades ações de alcance limitado. O Grupo Centro recebeu a missão de desfechar da região de Rjyev urna ofensiva na direção de Ostachkov, destinada a restabelecer a coesão da frente. As novas diretivas de guerra, aprovadas em abril, davam prioridade à economia de guerra. Apesar das amargas experiências do outono e inverno anteriores, o Cáucaso continuou como área prioritária, segundo a concepção de Hitler.

O Führer insistia na necessidade de reunir todas as forças disponíveis no setor sul, a fim de aniquilar o inimigo antes do Don e, em seguida, conquistar as áreas petrolíferas e a passagem do Cáucaso. A campanha ao sul conseguiu o êxito esperado por Hitler. Ele acreditava ter desgastado decisivamente as forças soviéticas, o que forçaria Stalin a reconhecer sua derrota. Todavia, muito embora os soviéticos tivessem concentrado tropas no sul, com a intenção de cortar o avanço alemão para o Cáucaso, para a Criméia e para os campos petrolíferos de Baku, não concederam total descanso para o Grupo de Exércitos Centro.

As tropas de Kluge continuaram enfrentando problemas. Após meses de luta, haviam-lhes escapado os remanescentes das unidades de cavalaria e de tropas aerotransportadas do General Pavel A. Byelov, que no inverno tinham conseguido ocupar as pistas do aeródromo de Smolensk. A 30 de julho, importantes forças soviéticas romperam a frente do 9º Exército e chegaram até a linha férrea de Rjyev e Vyasma. Em meados de agosto, seguiram-se fortes contra-ataques contra a ala sul do 3º Exército Panzer, comandado pelo General Reinhardt, após um baldado esforço do 2º Exército Panzer (Schmidt) para isolar um arco de posições frontais inimigas.

Diante dos contínuos impasses e da certeza de que os alemães já não tinham como impor uma derrota à União Soviética, diversos líderes alemães — dentre eles Ribbentrop e Goebbels — tentaram convencer Hitler de suspender novas operações ofensivas no leste, dando prioridade à estruturação de uma defesa no Ocidente, contra um iminente ataque da Inglaterra e dos Estados Unidos. Apesar da pressão de alguns componentes de seu círculo íntimo, e das precisas informações que davam conta da intenção dos americanos de dar maior importância à guerra com a Alemanha do que com o Japão, Hitler, depois de alguma hesitação, decidiu continuar fiel à cruzada contra o bolchevismo. No fundo, não perdera as esperanças de derrotar a União Soviética no final de 1942.

A par das tensões resultantes da luta travada no Cáucaso e da impossibilidade manifesta de tomar Leningrado, contra-ataques soviéticos mais sérios sobre o alongado e precário saliente de Rzhev, nas proximidades de Moscou, acentuaram a ansiedade que se abatia sobre o Alto-Comando alemão. Em 8 de agosto, o Marechal-de-Campo von Kluge pediu o livramento de duas divisões Panzer, que se encontravam na reserva de seu setor, para com elas diminuir a pressão soviética contra Rzhev. Hitler teimosamente recusou-se a atender, insistindo em reservar essas divisões para urna ofensiva futura contra Moscou, que nem sequer fora planejada. Kluge saiu revoltado do Quartel-General de Hitler, dizendo que ele então deveria assumir a responsabilidade pelo que poderia acontecer.

O comandante do Grupo Centro acabou sendo incriminado da mesma maneira quando, quinze dias depois, tal como previra, a situação se agravou. Halder interferiu no sentido de que pelo menos a saliência de Rzhev-Vyasma, na frente central, que se achava demasiado exposta, fosse eliminada, recuando-se para uma linha de defesa mais racional. Diante de Manstein, que assistiu atônito, Hitler furiosamente respondeu ao seu chefe do Estado-Maior: "Você sempre vem aqui com a mesma proposta, a de retirada". Depois de mais algumas observações contundentes sobre a qualidade de combate do soldado alemão, no front russo, Hitler concluiu a diatribe declarando esperar que os "comandantes sejam tão decididos e duros quanto as tropas combatentes".

Relata Manstein que Halder, controlando os nervos com dificuldade, respondeu friamente:

"Eu sou bastante decidido e duro, meu Führer, mas lá fora homens valentes e jovens oficiais estão caindo aos milhares simplesmente porque seus comandantes não têm permissão para tomar as únicas decisões razoáveis, porque estão com as mãos atadas".

Durante essa crise, Hitler costumava trancar-se o dia inteiro em sua casamata sem sol, saindo unicamente à noite quando não era obrigado a se defrontar com os generais que então detestava. Nessa atmosfera, quando em 11 de setembro Halder se recusou terminantemente a assinar uma ordem proibindo a retirada em quaisquer circunstâncias, mesmo táticas, o próprio Hitler assinou-a. É evidente que Halder acabaria sendo substituído. Seu sucessor na chefia do Estado-Maior, o Tenente-General Zeitzler, era enérgico e otimista, uma combinação ideal para o Führer. A maioria dos oficiais considerava Kurt Zeitzler obtuso e bitolado. O Almirante Canaris, chefe da Abwehr, assim se referiu a ele, certa feita: "Não precisamos de um gênio como chefe de Estado-Maior, pois temos o Führer".

A 14 de outubro, Hitler afirmou que o “segundo inverno russo encontraria a Wehrmacht já preparada, e melhor ainda do que estivera no início do ano anterior”. Asseverou que o inimigo estava “muito desgastado pelas últimas lutas; que fosse como fosse, as linhas alcançadas serviriam de pontos de partida para uma nova ofensiva em 1943”. Era — como assevera **Dahms (1968, Vol. II, p. 62)**, “o divórcio definitivo entre Hitler e a razão, pois cada uma dessas afirmativas estava em total contradição com a realidade dos fatos e com as verdadeiras necessidades”. Com efeito, nos últimos combates travados no ano de 1942, os soviéticos não haviam sofrido quaisquer perdas de vulto; muito pelo contrário, comprovaram um crescimento significativo de forças.

5. 3 — O Inverno E A Primavera De 1943

O inverno de 1942/1943 trouxe aos alemães um terrível Natal. O Stawka preparou e desfechou, com sucesso, uma grande ofensiva sobre Stalingrado e as tropas italianas e romenas que guarneciam a chamada “curva de Don”, já desde novembro tinham sido destroçadas. O rompimento do flanco esquerdo alemão colocou em cheque o 6º Exército, comandado por von Paulus, que procurava aferrar-se nas ruínas de Stalingrado. O ocaso das vitórias alemãs era um fato consumado, simples questão de tempo. No dia 2 de fevereiro de 1943, com a rendição do Marechal von Paulus e dos remanecentes do sofrido 6º Exército, a balança da guerra inclinou definitivamente os pratos contra a Alemanha.

A situação do Grupo Centro, de Kluge, não era muito diferente. Desde 1942 essa grande unidade vinha combatendo contra forças superiores, que procuravam em quatro pontos distintos, levar de vencida o arco frontal do 9º Exército comandado por Model. No terrível período de inverno, como ocorrera no ano anterior, de Voronej ao Cáucaso, a extensão e distorção das linhas alemãs atingiam um grau espantoso. O mesmo ocorria em toda a extensão da frente, dificultando a defensiva e facilitando as ações ofensivas, agora nitidamente em poder dos soviéticos.

A ligação dos combatentes alemães com as bases de suprimento resumia-se em estradas que a mais leve chuva tornava intransitáveis e em ferrovias, geralmente de linha única, cujos trilhos estavam colocados no chão, sem qualquer escora de cascalho ou pedras. A circulação do material rodante, extremamente lenta, era ainda entravada pelas ações contínuas e cada vez mais ousadas dos guerrilheiros. Durante o inverno de 1941-1942, a Wehrmacht fora principalmente ameaçada pela violência do clima, que congelava e paralisava um Exército constituído para uma guerra móvel, nos climas das regiões temperadas da Europa. Em 1942-1943, o clima continuava o mesmo, com todos os sofrimentos que infligia às tropas e todos os obstáculos que opunha aos comandos.

Mas o clima era apenas uma consideração a mais diante do perigo mortal em que se achavam as tropas alemãs; o problema essencial — de acordo com a maioria dos historiadores e cronistas da II Guerra Mundial — consistia na situação estratégica irreal criada pelo descomedimento e pretenso iluminismo de Hitler. Sua teimosia fizera com que os alemães perdessem o 6º Exército, em Stalingrado, quando obstinadamente impediu que as tropas de von Paulus abandonassem as ruínas da cidade. Agora, inobstante o fracasso nas margens do Volga, diante de um adversário ardiloso, valente e superior em número, continuava a impedir quaisquer recuos estratégicos, ameaçando com corte marcial todo aquele que ousasse propor esse tipo de estratagema.

No setor Central não era menos grave a situação. O exército soviético, embora desfalcado pelo esforço concentrado em Stalingrado, continuava a ameaçar os salientes de Orei e Smolensk, não dando tréguas ao 4º Exército e ao 2º Exército Blindado. No setor de Voronej, o 40º Exército soviético invade a retaguarda do 2º Exército Blindado alemão, e a 26 de janeiro se apodera do entroncamento de estradas de Gortschetschnoie, a 80 km da retaguarda alemã. Um novo ataque, oriundo do norte, se encarrega de seccionar, em Kastornoie, a única ligação ferroviária que permite abastecer as tropas do General von Salmuth.

Os alemães se vêem obrigados a romper o cerco, desta vez permitido a custo por Hitler. Lançadas precipitadamente para oeste, as divisões libertadas pelo abandono de Voronej reabrem uma passagem estreita e perigosa. Salmuth forma suas tropas em uma coluna densa, que se desloca como um bloco único e tão coeso quanto permitia o inimigo. A tropa é continuamente molestada pelos flancos. Deixa pelo caminho um rastro de armamentos, cadáveres petrificados e veículos emperrados pelo frio e pela carência de combustível.

Nada se assemelhou tanto à retirada napoleônica quanto esta marcha forçada, com um frio de 25º abaixo de zero, no meio de um vento ululante e do sibilar dos projetis soviéticos. Após ter ladeado e cortejado o desastre total, os alemães acabaram salvos, embora temporariamente, por uma trégua de certa forma inesperada: com a primavera veio o degelo e a lama, paralisando todo e qualquer movimento de viaturas. Não muito longe da linha de frente, em Katyn, uma localidade distante cerca de 12 km de Smolensk, o Regimento de Comunicações 537, sob o comando do coronel Friedrich Ahrens, aproveitando o degelo da primavera, acabou desvendando um segredo que iria estarrecer o mundo.

VI — A DESCOBERTA DAS VALAS DE KATYN

6. 1 — O Verão De 1942

"O verão de 1942 é o ponto culminante da guerra. Se o Japão recebe um golpe que o detém em Midway, a Alemanha, por outro lado, conhece triunfos que voltam a dar a impressão de sua invencibilidade. Mas as forças gigantescas que se elevam contra ela farão desses brilhantes feitos de armas vitórias de Pirro".

(Raymond Cartier)

No verão de 1942, após terem superado as terríveis provações do inverno e de boa parte da primavera, os alemães haviam conseguido estabilizar o front central. Seus exércitos não se tinham afastado muito de Moscou. O perigo ainda rondava a capital soviética em junho/agosto, mas Hitler decidira atacar ao sul. Seus olhos se desviaram de Moscou para as planícies sulinas, para Stalingrado e para o petróleo de Grozny e Baku, para a Criméia e para o litoral do Mar Negro. Smolensk, o mais importante entroncamento rodoferroviário situado à retaguarda do Exército Centro, sediava o comando daquela Grande Unidade.Na localidade de Katyn, situada a aproximadamente 12 km de Smolensk, os alemães mantinham um pequeno grupamento, com o efetivo aproximado de um pelotão de fuzileiros, a fim de controlar a ação dos grupos de resistência.

Havia, também, em Katyn, no verão de 1942, um grupamento de trabalhadores da Organização Todt, encarregado de várias tarefas, como a recuperação de estradas e pontes continuamente danificadas pela ação dos grupos guerrilheiros. Esse contingente reunia homens e mulheres de diversas nacionalidades, dentre eles mais de uma dezena de poloneses. No final do mês de julho, cerca de 50 homens da Organização Todt foram deslocados para um bosque com a missão de cortar madeira e preparar dormentes para reposição nas linhas férreas. Integrava o grupo de lenhadores um contingente de 12 poloneses, que haviam sido recrutados na região de Cracóvia.

Certa feita, um conterrâneo dos poloneses — chamado Patermon Kisielew —, que habitava nas proximidades de Katyn, aludiu a um fato que lhe deixara intrigado. Segundo ele, por volta de abril de 1940, necessitando apanhar lenha, aproximara-se de uma vivenda isolada, construída nas proximidades de um bosque. Nem bem começara a juntar os primeiros galhos secos, fora abordado por um militar fardado com uniforme do Exército soviético. Kisielew teve que identificar-se e dar muitas explicações. Finalmente, deixaram-no ir embora, com a recomendação de que jamais deveria voltar àquele local. Patermon Kisielew afastou-se a passos rápidos, mas não deixou de observar o que se passava um pouco adiante do local onde estivera.

Havia uma área cercada por várias dezenas de militares armados. Uma retroescavadeira empurrava montes de terra para o interior de uma grande fossa, da qual só pôde divisar as bordas. Algumas semanas depois, pudera observar, de longe, que a área continuava guarnecida por homens armados. Já não estava ali a retroescavadeira. Alguns homens plantavam grama e mudas de arbustos sobre o local onde se situava a fossa. Kisielew não pôde deixar de perceber que um grande segredo estava sendo escondido nas terras daquela erma propriedade.

Valendo-se de informações prestadas por antigos moradores de Katyn, inteirou-se de que ela pertencia a G.R.U., e era normalmente utilizada como "colônia de férias" dos burocratas de Smolensk. Patermon Kisielew, além de prestar essas informações, garantiu, ainda, que a propriedade se encontrava abandonada desde a época em que os alemães haviam conquistado a região de Smolensk. Os trabalhadores poloneses tiveram imediatamente sua curiosidade aguçada.

O que tinha sido escondido no bosque de Katyn?

Um tesouro?

Valores apreendidos pelos homens da G.R.U. nos países bálticos, recentemente ocupados?

Por que a vala tinha sido tão bem dissimulada?

Os doze poloneses que compunham o grupo de lenhadores da Organização Todt, acompanhados pelo seu compatriota Patermon Kisielew, resolveram investigar a vala. Munidos de pás e picaretas, desviaram-se da floresta onde executavam seu trabalho contumaz e dirigiram-se para a antiga "colônia de férias" da Glavnoje Raswedywatelnoje Uprawalenje. Identificado o local da vala, puseram-se a cavar. Não demorou muito tempo até que descobrissem um cadáver. Cobriram-no de terra e foram repetir a tentativa um pouco adiante. Não tiveram melhor sorte. Em vez de tesouros ou valores de qualquer espécie, depararam-se com outro cadáver. Desta vez, porém, examinaram com maior cuidado o macabro achado. Puderam ver que se tratava de um soldado. Mais que isto: tratava-se, indiscutivelmente, de um oficial do Exército polonês!

Sepulturas de soldados são comuns em zonas de guerra. De certo modo não havia motivo para surpresas. A não ser que... Um dos trabalhadores, justamente o que se aprestava a recobrir o segundo cadáver, suspendeu no ar a pá cheia de terra. O Exército de seu país não combatera fora das fronteiras da Polônia, lembrou. Em território soviético, a centenas de quilômetros do teatro de operações, seus compatriotas somente poderiam ter estado na condição de prisioneiros de guerra. Deixou o cadáver a descoberto e solicitou que seus companheiros cavassem mais adiante.

Enquanto novo local era explorado, um ex-enfermeiro do Hospital de Santa Edwiges, em Cracóvia, examinou o cadáver que ficara insepulto. Pondo-se de joelhos, ergueu o crânio do oficial morto. Não teve dificuldade em determinar a causa mortis: a vítima recebera um tiro na nuca. O projétil penetrara no occipital e esfacelara, ao sair, o zigomático e o nasal esquerdos. Exames subseqüentes, em três novos cadáveres desenterrados, não tiveram resultados diferentes: eram todos oficiais do Exército polonês e tinham morrido em conseqüência de um único disparo, na nuca.

Depois de muito confabular entre si, os trabalhadores poloneses da Organização Todt chegaram a conclusão de que não deveriam dar ciência aos alemães acerca do achado. Apesar do que lhes dissera Patermon Kisielew, tinham "ouvido dizer" que os alemães haviam realizado fuzilamentos na região de Vilna e Minsk. Os boatos que circulavam entre os trabalhadores davam conta de que muitos sabotadores e guerrilheiros tinham sido fuzilados e sepultados em valas comuns naquelas localidades.

Não teriam os alemães agido da mesma forma em Katyn?

A descoberta daquele segredo poderia significar a morte de todo o grupo de curiosos. "Foram os russos!" — insistia Kisielew. "Nunca se poderá saber ao certo" — alegaram os trabalhadores da Organização Todt, que temiam os alemães bem mais do que seu conterrâneo. As covas foram cuidadosamente recobertas naquele final de julho de 1942, e por vários meses ninguém mais ouviu falar no segredo de Katyn.

6. 2 — O Inverno De 1942/1943

A tragédia que se desenrola na estepe russa, em pleno inverno de 1942/1943, equivale em intensidade dramática à do inverno 1941/1942, em frente a Moscou, mas de longe a ultrapassa em alcance histórico. A batalha pela posse de Stalingrado é terrível e supera a tudo o que se possa imaginar. Entrementes, no front central, tendo alemães e russos concentrado as reservas para a grande decisão nas margens do Volga, fez-se uma relativa trégua. Em Smolensk, von Kluge sabia que a bonança não passava de um prelúdio de tempestade. Se os soviéticos triunfassem em Stalingrado — como acreditava o Alto-Comando alemão, a contragosto de Hitler —, a avalanche se voltaria para suas forças. O saliente entre Kaluga e Vyasma ainda punha em risco a capital soviética e os russos, com toda a certeza, decidida a sorte de Stalingrado, tratariam de concentrar esforços no setor central.

Desde o outono de 1942, a antiga "colônia de férias" da G.R.U., em Katyn, abrigava um novo hóspede. Tratava-se de uma companhia do 537º Regimento de Comunicações, alemão, sob o comando do coronel Friedrich Ahrens. O Regimento comandado por Ahrens tinha seu posto de comando instalado numa casa de subúrbio de Smolensk, mas o coronel costumava visitar, pelo menos três vezes por semana, a companhia aquartelada em Katyn.
Achava o local agradável e hospitaleiro, justificando a escolha por parte dos homens da G.R.U. para ali realizar seus períodos de descanso. Aliás, o local se prestava para outro tipo de atividade muito empregado por aquele órgão subordinado ao N.K.W.D.: o confinamento e interrogatório de prisioneiros e "inimigos do Estado".

Ahrens sabia que os russos quando tratavam com "gente daquela espécie" eram extremamente duros e capazes de atitudes extremas. A residência de Katyn — conhecida como "palacete de Dnjepr" — prestava-se muito bem para "arrancar confissões ou dar sumiço aos indesejáveis". O coronel Friedrich Ahrens desde cedo desconfiou que algo de muito grave, de sinistro mesmo, se escondia por trás da quietude de Katyn. Sua desconfiança se transformou em certeza no cair de uma tarde do final de outono e início do inverno. O uivar de um lobo fez com que ele voltasse os olhos para um sítio na orla do bosque. Com o auxílio de um binóculo pôde ver o animal escarvando um montículo de terra.

Cerca de quatro anos mais tarde, por ocasião do Julgamento de Nuremberg, ele diria — conforme **Heydecker & Leeb (1967, p. 320)**: "No inverno do ano de 1942/1943, não me lembro se em janeiro ou fevereiro, vi casualmente um lobo naquele bosque. Em companhia de um caçador segui os rastros do animal e descobri que tinha estado a raspar com as garras um montículo de terra. Vi que haviam ossos ali. Mandei que os examinassem e os médicos disseram que se tratava de restos humanos". A descoberta de Ahrens não conduziu a nada, pelo menos até o fim do inverno. A neve caiu com maior intensidade e o gelo cobriu com grossa camada a região de Katyn.

6.3 — A Primavera De 1943

Com o degelo da primavera, o coronel Friedrich Ahrens pôde, finalmente, desvendar boa parte do segredo de Katyn. Tendo mandado escavar o local em que localizara ossos humanos, durante o inverno anterior, deparou-se com centenas de cadáveres. Mas, isto não era tudo. Seus homens descobriram mais duas fossas, e também estas estavam repletas de cadáveres. Ahrens constatou que as vítimas tinham algo em comum: eram, sem exceção oficiais do Exército polonês. O coronel Ahrens comunicou o achado ao seu comandante imediato e este, por sua vez, deu conhecimento ao Marechal von Kluge. O Governo alemão tomou conhecimento dos fatos na primeira semana de abril de 1943. Hitler solicitou ao comandante do Grupo Centro que averiguasse, ele próprio, a veracidade das notícias.

Tendo recebido confirmação, liberou o Ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, para que divulgasse amplamente o nefando crime. Afinal de contas, uma onda de boatos acerca de um iminente levante dos judeus confinados no Gueto de Varsóvia estava começando a tomar corpo. Era preciso desviar a atenção do mundo e Goebbels era um perito nesse assunto.

No dia 13 de abril de 1943, a rádio alemã anunciava:

“Informam de Smolensk que a população assinalou às autoridades alemãs o lugar onde os soviéticos realizaram em segredo execuções em massa, e onde a G.R.U. assasinou milhares de oficiais poloneses”.

Pouco depois, a Agência de Informação Alemã divulgava novos pormenores:

“Uma horrível descoberta feita há pouco pelas autoridades alemãs no bosque de Katyn, próximo da colina de Kosegory, um pouco ao sul de Smolensk, na estrada que liga aquela cidade a Witesbsk, demonstra, sem nenhuma espécie de dúvidas, que mais de dez mil oficiais poloneses de todas as patentes, entre eles muitos generais, foram assassinados pelos russos”.

Logo depois, mais precisamente no dia 26 de abril, o Governo soviético negou peremptoriamente as acusações, declarando que o mundo jamais acreditaria em “notícias fascistas infamantes e mentirosas”. No dia 18, confirmando os boatos que haviam se espalhado pelo mundo, os judeus do Gueto de Varsóvia tinham se insurgido contra o poderoso Exército alemão. E, ao contrário do que previra Hitler, oito dias depois ainda continuavam resistindo aos tanques, à artilharia e às armas automáticas de von Stroop. Com isso, as atenções do mundo se afastaram um pouco de Katyn, e só voltaram a fixar-se naquela pequena localidade no final do mês, quando uma investigação dirigida pelo médico alemão Leonardo Conti, e que contou com a participação de doze médicos da Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Itália, Croácia, Holanda, Protetorado da Boêmia e Morávia, da Romênia, da Eslováquia, da Hungria e da Suíça, emitiu um laudo com o resultado do que foi possível apurar.

A comissão era por demais isenta de comprometimentos com esta ou aquela lide. Nenhuma dúvida pairou sobre o laudo emitido, mesmo porque várias autoridades polonesas dela participaram com a plena anuência de Hitler. (A relação completa dos médicos que integraram a referida comissão poderá ser consultada, encontrando-se inserida, em apêndice, no final desta obra.).

VII – VOLTANDO ATRÁS NO TEMPO

Como foi visto anteriormente, durante as demarches políticas que assinalaram o prelúdio à invasão da Polônia, Hitler e Stalin haviam acordado os limites territoriais resultantes da partilha do país. O acordo referente a partilha fazia parte de um protocolo secreto e foi mantido em segredo pelos governos da União Soviética e da Alemanha. A conseqüência disso foi significativa para os remanescentes do derrotado Exército polonês. A Polônia foi invadida pelas tropas alemãs em 1 de setembro de 1939, enquanto a intervenção russa só se deu em 17 de setembro, ocasião em que o Exército polonês praticamente deixara de existir como força de combate.

O que aconteceu com as Forças Armadas da Polônia?

Apenas no primeiro grande cerco, realizado sobre o bolsão do Bzura, os alemães aprisionaram 19 divisões polonesas. No final da guerra, os alemães haviam aprisionado 694.000 integrantes das três armas, com predominância quase absoluta para tos componentes do Exército. Tendo a Força Aérea polonesa sido destruída praticamente em terra, com o bombardeio alemão aos aeroportos, os aviadores poloneses, em sua quase totalidade, foram transladados para a Inglaterra, onde iriam prestar relevantes serviços a R.A.F. (Royal Air Force).

De igual modo, os marinheiros poloneses, quando perceberam a inevitabilidade da derrota, levaram suas belonaves para os portos britânicos. Alguns integrantes do Exército polonês, incluindo inúmeros generais, seguiram o destino dos aviadores e dos marinheiros, mas boa parte deles se refugiou a leste do Bug e do Narew, região surpreendentemente poupada pela ofensiva alemã. Mal sabiam eles que aquela área fora reservada aos russos. Quando da invasão começada em 17 de setembro, os soviéticos encontraram pouca ou quase nenhuma resistência. Fizeram um total de 217.000 prisioneiros, os quais foram internados em território russo. Inúmeros campos de prisioneiros, como os de Starobielsk e Kozielsk, haviam sido preparados para abrigá-los.

Do cativeiro em território soviético, esses milhares de prisioneiros mantiveram correspondência com a Polônia, recebendo, de igual modo, cartas e encomendas de parte de seus familiares. Muitos deles foram postos em liberdade antes do Natal de 1939, pois estabeleceu-se uma troca de negociações, que acabou em reatamento de relações diplomáticas, entre Moscou e o Governo polonês no exílio (em Londres).

Os poloneses, que possuíam listas completas dos homens que estavam em poder dos soviéticos, conferiram a relação dos que haviam retornado à pátria e chegaram a conclusão de que nem todos tinham sido postos em liberdade. Faltavam cerca de 11.000 ex-integrantes do Exército polonês, dentre eles cerca de 7.000 oficiais. Algo de muito estranho ocorrera: desde o mês de abril de 1940 nenhuma carta ou notícia dos desaparecidos chegara à Polônia, e já se haviam passado mais de dezoito meses!

No dia 6 de outubro de 1941, o embaixador polonês em Moscou — Jan Kot, visitou o Ministro dos Negócios Estrangeiros soviético — Andrej Wychinski, com quem manteve uma entrevista, transcrita, na íntegra, no tribunal de Nuremberg:

"**Kot:** Desejo mencionar os seguintes números: um total de 9.500 oficiais foram feitos prisioneiros de guerra na Polônia e deportados para várias regiões da Rússia. Hoje contamos somente com 2.500 oficiais em nosso Exército.

Que foi feito dos 7.000 que estão desaparecidos?

Existe um muro impenetrável que nos separa destes homens deportados.Rogamo-lhes que nos permitam escalar esse muro".

"**Wyschinski:** Senhor embaixador, o senhor deve ter em conta que desde o ano de 1939 houve grandes mudanças. Muitos foram postos em liberdade, outros encontraram um lugar de trabalho e vários voltaram a suas casas".

"**Kot:** Se um dos homens a que faço referência tivesse sido posto, realmente, em liberdade, não resta a mínima dúvida de que, imediatamente, ter-se-ia posto em contato conosco. Esses homens não são garotos. Não podem permanecer ocultos. Se algum deles morreu, peço-lhe que no-lo comunique. Não posso acreditar, de modo algum, que não se encontrem, ainda, em território soviético".

Heydecker & Leeb (1967, p. 316) afirmam que Wyschinski pôs termo à entrevista depois de dar uma resposta evasiva, que de modo algum satisfez o embaixador polonês. No mês seguinte, mais precisamente no dia 14 de novembro de 1941, Jan Kot conseguiu chegar até Stalin e perguntar diretamente ao supremo mandatário soviético:

"(...) **Kot:** Senhor Presidente, já abusei muito do seu valioso tempo, mas se o senhor me permite, há outro ponto sobre o qual desejaria falar".

"**Stalin:** Às suas ordens, senhor embaixador".

"**Kot:** Suponho, senhor Presidente da União Soviética, que o senhor é o autor de uma anistia concedida aos cidadãos poloneses em território soviético. Permito-me perguntar-lhe se o seu nobre gesto foi posto totalmente em prática?"

"**Stalin:** O senhor quer dizer, com essas palavras, que ainda há poloneses que não foram postos em liberdade?"

"**Kot:** Não voltamos a ter notícias de qualquer dos homens que estiveram internados no acampamento de Starobielsk que foi, segundo tudo indica, dissolvido na primavera de 1940".

"**Stalin:** Ordenarei as investigações que se fizerem necessárias. Mas, nestes casos, costumam ocorrer as coisas mais incríveis".

"**Kot:** Rogo-lhe, senhor Presidente, que ordene sejam postos em liberdade todos os oficiais que ainda, por Í!Í ventura, se encontrem prisioneiros, pois eles são necessários ao nosso Exército. Temos provas fidedignas de que esses oficiais foram deportados".

"**Stalin:** Tem o senhor listas exatas em seu poder? "

Kot: Temos todos os nomes, pois os comandantes dos acampamentos passavam, diariamente, revista a todos os oficiais. Além disso, o N.K.W.D. possuía correspondências independentes para cada um dos oficiais. Nem um único oficial do Estado-Maior do Exército, sob as ordens do general Anders, deu sinal de vida".

De acordo com o relato de **Heydecker & Leeb (1967, p. 317)**, Joseph Stalin pegou o telefone e ordenou que o pusessem em contato com a agência central do N.K.W.D. Tendo conseguido o contato desejado, Stalin perguntou se haviam sido postos em liberdade todos os prisioneiros de guerra poloneses que se encontravam no território soviético. Exigiu que ligassem para ele tão logo pudessem obter a informação desejada. Prosseguiu tratando de outros assuntos com o embaixador polonês, até que veio a resposta do N.K.W.D. Jan Kot diz que Stalin escutou em silêncio, sem demonstrar qualquer perturbação.

A ligação durou cerca de quatro minutos. Quando terminou, Stalin repôs tranquilamente o aparelho no gancho e disse:

— Senhor embaixador, não há mais nenhum prisioneiro polonês na União Soviética.

Os poloneses mantiveram um terceiro contato com o Governo soviético, em 3 de dezembro de 1941. Naquela data, os generais Wladyslaw Sikorski e Wladyslaw Anders foram também recebidos por Stalin. Sikorski relata detalhes do encontro. Dissera ao ditador soviético:

— Tenho em meu poder a lista de uns quatro mil oficiais que foram deportados para campos de prisioneiros e que na atualidade se encontram desaparecidos. Esta lista não é completa, pois só figuram nela os nomes daqueles que se pôde lembrar de memória. Ordenei que se fizesse uma investigação na Polônia e o resultado foi negativo. Nenhum dos nossos oficiais se encontra na Polônia e tão pouco nos campos de prisioneiros da Alemanha. É bastante provável que estes homens se encontrem aqui, visto que nenhum regressou.
Stalin não se perturbou. Respondeu de chofre:

— Isso é absolutamente impossível. Todos os prisioneiros poloneses foram há muito tempo libertados. Devem ter fugido dos horrores da guerra.

— E para onde podem ter fugido?

— Pois, por exemplo, para a Mancharia. Sikorski não se deu por vencido:

— É completamente impossível que todos eles pudessem fugir. Vários milhares de homens não podem, simplesmente, sumir.

Anders, que se limitara até então a escutar, acrescentou:

— Sobretudo se levarmos em conta que toda a correspondência trocada entre eles e os familiares terminou bruscamente. Stalin apenas sacudiu a cabeça, enquanto Anders insistia:

— O normal seria que eles em chegando ao novo destino avisassem seus familiares...
Stalin informou que já procurara inteirar-se do paradeiro dos desaparecidos quando da visita de Jan Kot. Acrescentou:

— Não resta a mínima dúvida de que todos os poloneses foram postos em liberdade no inverno e primavera de 1940. É de acreditar que os não encontrados se encontram a caminho dos seus respectivos lares.

Isto foi tudo o que conseguiram averiguar os dois generais poloneses, no início de dezembro de 1941. O Governo polonês no exílio — conforme diversas fontes consultadas — entregou ao Kremlin quarenta e nove notas em que pediam explicações sobre o para-deiro dos oficiais desaparecidos. Estas notas revelam que, em Londres, todos acreditavam que os seus ex-companheiros ainda estavam vivos.

VIII – PROVIDÊNCIAS IMEDIATAS À DESCOBERTA DAS VALAS

Como não poderia deixar de ser, apesar das atenções mundiais estarem voltadas para os diversos campos de batalha, que iam do norte da África, à Europa e ao Pacífico, o episódio de Katyn não passou desapercebido. Quase todo o mundo escutou horrorizado a notícia que causou o efeito de uma bomba no Governo polonês no exílio, em Londres.

Fora finalmente decifrado o enigma do desaparecimento dos oficiais poloneses?

Encontravam-se, realmente, no bosque de Katyn os cadáveres dos oficiais a tanto tempo procurados?

O general Waldyslaw Sikorski solicitou imediatamente uma investigação da Cruz Vermelha Internacional, sem esconder o fato de que a suspeita dirigia-se claramente contra o Kremlin. Afinal de contas, tinha bem viva na memória a entrevista que lhe concedera Stalin, em dezembro de 1941. Naquela oportunidade, as respostas evasivas e recheadas de sarcasmo, por parte do supremo mandatário soviético, haviam-lhe firmado a certeza de que os russos sabiam muito mais do que se propunham a falar.

Ante a insistência de Sikorski em realizar uma investigação isenta de simpatias ideológicas, com o concurso da Cruz Vermelha Internacional, a 26 de abril de 1943 (13 dias após a divulgação da descoberta das valas pela imprensa alemã), Moscou rompeu relações diplomáticas com o Governo polonês no exílio, alegando que este havia posto em circulação "notícias fascistas infamantes para o Governo soviético e tinha, além disso, estado em relações com o Governo de Hitler".

A segunda parte desta acusação era verdadeira: como a União Soviética vetara seu consentimento a uma investigação por parte da Cruz Vermelha Internacional, Sikorski entrara em contato com o Governo alemão, solicitando permissão para que um grupo de poloneses integrasse a comissão internacional de médicos que, sob a responsabilidade do chefe dos médicos alemães, Leonardo Conti, iria examinar as valas. Para os Governos inglês e norte- americano resultou muito penosa esta repentina cisão no grupo aliado.

Na época — conforme narra **Davidson (1970, Tomo I, p. 81)**, o Presidente Roosevelt, ao inteirar-se do caso por intermédio de George Earle, Emissário Especial para os Negócios dos Balcãs, dissera que tudo não passava de uma invencionice da propaganda alemã. Acusara o interlocutor de "estar sendo envolvido pela propaganda de Goebbels, um mestre da mentira". Em Londres, a tensão era quase insuportável. Churchill teve que empenhar-se bastante para que Sikorski não fosse mais longe. Chegou a dizer: "Se eles estão mortos, o senhor nada poderá fazer para trazê-los de volta". Nos Estados Unidos, George Earle não se deu por satisfeito e insistiu em publicar uma narrativa do trágico episódio. Roosevelt expressamente proibiu-o de fazê-lo.

O ato de rebeldia de Earle teve outras conseqüências: embora perito em negócios dos Balcãs, foi ele transferido para a distante Samoa, de onde pôde regressar somente após a morte de Roosevelt. Em Londres, Churchill continuava com sérios problemas a resolver, pois Sikorski teimava em que se deveria investigar a fundo o caso de Katyn, com a apuração de responsabilidades "doesse a quem doesse". Stalin, além de vetar a participação de uma comissão da Cruz Vermelha Internacional e de ter rompido relações diplomáticas com o Governo polonês no exílio, exigia, agora, que a Inglaterra e os Estados Unidos lhe seguissem o exemplo.

Churchill esquivou-se, mas procurou conseguir dos poloneses uma declaração que inocentasse o Kremlin. O Gabinete rechaçou essa solicitação, pelo menos até que se apurassem as responsabilidades, e o conflito assumiu proporções ainda maiores, quando um avião que conduzia o general Wladyslaw Sikorski explodiu na pista do aeroporto de Gibraltar, matando todos os passageiros, exceto o piloto. Entrementes, Goebbels reunira uma plêiade de técnicos em medicina legal, criminalistas e jornalistas, para mostrar-lhes os corpos de Katyn.
Integravam à comissão médicos militares ingleses e americanos aprisionados, observadores dos aliados do Eixo e de países neutros, como a Suécia, a Suíça, a Espanha, Portugal, Turquia e Irlanda, além dos 12 membros oficiais. Dos contatos mantidos por Sikorski com o Governo alemão resultou a inclusão de várias personalidades polonesas, que se apresentaram disfarçadas, com pleno consentimento de Hitler.

De acordo com **Dahms (1968, vol. II, p. 209)**, foram contados 4143 cadáveres, estimando-se haver mais uns 600 em duas outras valas que não puderam ser abertas devido ao calor crescente e às moscas que enxameavam o local. **Heydecker & Leeb (1967, p. 319)** dizem que “colocados uns em cima dos outros, por operários russos que receberam a missão de abrir as valas e remover os corpos, os cadáveres formaram até doze camadas, sendo contados 4183”. **Davidson (1970, p. 81)** aponta a cifra de 4500 cadáveres.

A comissão divulgou os resultados da investigação em 30 de abril de 1943, constando, fundamentalmente, o seguinte:

1) Os fuzilamentos ocorreram em março e abril de 1940, época em que os russos haviam extinto os campos de prisioneiros de Kozielsk e Starobielsk; **(*)**

2) Os homens executados usavam casacos de inverno;

3) As árvores que foram plantadas sobre as valas, como demonstrou uma análise microscópica, lá haviam sido colocadas em 1940;

4) Todos os fragmentos de cartas e/ou documentos encontrados junto aos cadáveres eram datados, no máximo, até o mês de abril de 1940;

5) Muitas vítimas estavam acorrentadas, algumas tinham as cabeças cobertas com as túnicas de seus uniformes; muitas das vítimas apresentavam mandíbulas esmagadas ou incisões de baionetas nos quadris e na parte posterior das coxas;

6) Todas, sem exceção, foram mortas com tiros de pistola na nuca, à beira das valas.

(*) O estado físico dos cadáveres, a descalcificação dos crânios e mais uma série de circunstâncias, comprovam inequivocamente a época da morte.

Segundo **Dahms (1968, Vol. II, p. 208)**, “cada um dos observadores de maior senso crítico discerniu claramente quem era responsável por essas execuções”. A segunda investigação foi realizada por iniciativa dos soviéticos, logo após a reconquista da região de Smolensk. Os dados obtidos por essa comissão diferiram grandemente daqueles divulgados anteriormente.

Os médicos calcularam o número de mortos em cerca de 11.000, acrescentando as seguintes observações:

1) Os prisioneiros de guerra poloneses, que estavam internados em dois acampamentos a oeste de Smolensk, e que tinham sido destinados à construção de estradas antes de começar a guerra, permaneceram na citada região, depois da invasão alemã em setembro de 1941.

2) No bosque de Katyn realizaram-se, por ordem das autoridades de ocupação alemãs, no outono de 1941, assassínios em massa dos prisioneiros de guerra poloneses internados nos acampamentos antes mencionados.

3) Estes fuzilamentos em massa foram executados por uma unidade militar alemã que se ocultava por trás do nome chave de “Stab dês Baubataillons 537”, comandada pelo tenente-coronel Ahrens e os seus colaboradores, os tenentes Rex e Hot.

4) As autoridades de ocupação alemãs transportaram, na primavera do ano de 1943, os cadáveres dos prisioneiros de guerra poloneses, assassinados por eles, para a floresta de Katyn, para apagar deste modo o rasto de seus próprios crimes e aumentar o número de “vítimas do bolchevismo”, segundo instruções de Joseph Goebbels, um “mestre do embuste”.

5) Os médicos estabeleceram, sem qualquer espécie de dúvida que as execuções foram realizadas no outono do ano de 1941.

6) Os carrascos alemães utilizaram no fuzilamento dos prisioneiros de guerra poloneses o mesmo método, tiro na nuca, que utilizaram quando mataram em massa os cidadãos russos em outras cidades, em especial, em Orei, Woronesch, Krasnodar e Smolensk.

Os poloneses, com anuência dos soviéticos, realizaram, por sua vez, uma terceira investigação quando findou a guerra. Esta investigação foi chefiada pelo delegado de acusação pública de Cracóvia — doutor Roman Martini, e contou com a participação de três dos ex-trabalhadores da Organização Todt, que haviam tomado conhecimento das valas no verão de 1942. Este simples fato desmentia o laudo da comissão formada sob os auspícios da União Soviética, que afirmava terem sido os corpos transportados para Katyn na primavera de 1943. Martini descobriu, inclusive, os nomes dos agentes da G.R.U. que tinham intervido naquela ação.

O chefe do grupo de extermínio tinha sido um homem chamado Burjanow. Infelizmente, Martini não conseguiu concluir suas averiguações. Em 12 de março de 1946, quando o Julgamento de Nuremberg se encontrava em pleno andamento, foi assassinado em sua residência de Cracóvia. Os assassinos foram prontamente identificados: tratavam-se de dois membros da Associação de Amizade Russo-Polonesa. O assassinato de Roman Martini impediu que a defesa dos acusados alemães, em Nuremberg, dispusesse do importante depoimento dessa testemunha.

IX — O "MASSACRE DE KATYN" PERANTE O TRIBUNAL DE NUREMBERG

9. 1 — O Tribunal De Nuremberg

O espetáculo dos líderes alemães depostos, tendo suas vidas submetidas a julgamento, proporcionou ao mundo imediato do pós-guerra um dos assuntos de maior interesse. Nuremberg não foi o primeiro procedimento judicial dessa espécie na História da Humanidade, pois outros já haviam sido responsabilizados por infringirem as regras da guerra. O Julgamento de Nuremberg, no entanto, realizou-se em escala sem precedentes, e logo tornou-se claro que os crimes com que o Tribunal estava lidando eram de magnitude incomparável.

Com a simples apresentação de provas testemunhais, de pouca ou nenhuma credibilidade, desfilou pelo Tribunal uma lista de monstruosidades que teriam sido cometidas pela Alemanha no curso da guerra. Robert Jackson, o Juiz Adjunto da Suprema Corte dos Estados Unidos, ao sintetizar o libelo acusatório, afirmou: "Nenhum meio-século testemunhou "massacres" em tal escala... O terror da Torquemada se eclipsa diante da Inquisição Nazista".

Entre os "massacres" a que aludia Jackson, incluía-se, por insistência dos russos, o de Katyn. Durante muitos meses de 1945 e 1946 o julgamento dos grandes criminosos de guerra, em Nuremberg, fascinou o mundo inteiro. Havia um irresistível quê de drama intenso no espetáculo desses homens, até bem pouco governantes da maior parte da Europa e senhores de vida e morte de milhões. As pessoas mais ponderadas viam no julgamento bem mais do que a simples sensação do momento.

Tinham escutado falar na escalada de crimes cometidos com tal sangue frio que a mente civilizada só a muito custo concebia a sua efetivação, mesmo depois de cinco anos de guerra. **Kahn (1973, p. 9)** assevera que "um tribunal internacional, comprometido com regras rígidas de evidência elaboradas por sistemas jurídicos nacionais, durante séculos de experiência e requinte crescentes, certamente distinguiria a verdade indiscutível do boato infundado, e avaliaria com exatidão a culpa das pessoas, individualmente.

Ao fazer isso, ele iniciaria uma nova era no desenvolvimento da justiça penal internacional e, assim, promoveria a causa que todos desejavam: o estabelecimento de um sistema de lei e ordem entre as nações". Na verdade, eram grandes esperanças. Tão grandes que não puderam ser inteiramente cumpridas. Os fatos principais revelados ou confirmados no decorrer do Julgamento formam agora parte do acervo comum do conhecimento histórico e os arquivos de Nuremberg, à disposição dos possíveis interessados, são uma fonte adequada para os estudos eruditos dos detalhes, ou para tentativas de reinterpretação de fatos não de todo esclarecidos.

A história que se pode contar tem agora tanto interesse humano como na época despertaram os relatórios. Há, porém, uma diferença fundamental: hoje, esse interesse está despido da carga emocional que acompanhava os contemporâneos dos eventos então desenrolados. Hoje, tendo-se dissipado a atmosfera carregada de dramaticidade que cercou aqueles acontecimentos, torna-se mais fácil analisar os fatos e chegar a uma compreensão mais profunda das motivações e reações dos homens que ocuparam o palco de Nuremberg.

A cadeia de acontecimentos que desembocaram no Julgamento iniciou-se no outono de 1941, quando se tornou público que os alemães estavam "executando sistematicamente os reféns inocentes na França", em represália aos ataques às forças alemãs de ocupação. A 25 de outubro, o Presidente Roosevelt denunciou vigorosamente essa ilegalidade, e advertiu os responsáveis pelo estabelecimento dessas medidas no sentido de que seriam um dia punidos. Winston Churchill, falando na Câmara dos Comuns, associou imediatamente seu Governo à declaração do Presidente dos Estados Unidos.

Pouco mais tarde, o Governo da União Soviética lançou um protesto diplomático sobre as "atrocidades infligidas aos prisioneiros de guerra e civis russos", onde declarava que o Governo de Hitler seria considerado responsável pelos crimes "cometidos pelas tropas alemãs". (Crimes como o massacre de Katyn). Os governos da Inglaterra e dos Estados Unidos, ao declararem, a 7 de outubro de 1942, a disposição de criar a "Comissão das Nações Unidas para Crimes de Guerra", deram passo importante no sentido de organização do futuro Tribunal. À "Comissão" caberia, precipuamente, identificar os responsáveis por crimes conhecidos, recolher e avaliar provas, enfim, iniciar a composição dos autos que serviriam de base a um futuro julgamento dos criminosos de guerra.

A declaração dos dois Governos, em caráter preventivo, visava desestimular a perpetuação de novas atrocidades, garantindo que "nenhum algoz" ficaria impune. Outro acontecimento não menos importante foi uma declaração, assinada por Roosevelt, Churchill e Stalin, após uma conferência de Ministros do Exterior, realizada de 19 a 30 de outubro de 1942, em Moscou. Essa "Declaração de Moscou" é particularmente digna de nota, por ter sido a primeira declaração básica de política, feita conjuntamente pelas três grandes potências. De acordo com esses documentos, "os criminosos de guerra seriam divididos em dois grupos: "grandes" e "pequenos" criminosos.

Quanto ao primeiro grupo, seriam incluídos os oficiais alemães e membros do Partido Nacional-Socialista, com envolvimento em "atrocidades, massacres ou execuções". No que diz respeito ao segundo grupo, a declaração ficou deliberadamente vaga. Deveria haver um julgamento formal dos principais criminosos de guerra? Esta pergunta ganhou relevância, desde o início, principalmente porque a opinião pública estava nitidamente dividida. Para alguns, o princípio da legalidade estrita era o único digno de nações democráticas. Outros achavam que os papéis desempenhados pelas principais personalidades do Terceiro Reich já eram do conhecimento geral; portanto, parecia desnecessário e até mesmo hipócrita passar pelo palavrório forense para estabelecer sua culpa.

Seria mais fácil proceder como pretendia Stalin: fuzilá-los assim que fossem presos, ou, no máximo, julgá-los sumariamente no local. Churchill tinha ainda bem viva na memória a proposta de Joseph Stalin para que se fuzilasse, sumariamente, um número próximo a 50.000 alemães! Se a Inglaterra se debatia por um julgamento formal, baseado no direito, o mesmo ocorria com os principais interessados: significativamente, onde os brados por uma justiça improvisada se faziam ouvir com mais insistência era na Alemanha, pois muitas das acusações poderiam ser contestadas.

Uma vez abandonado o Plano Morgenthau (que pretendia, basicamente, arrasar a Alemanha, não deixando pedra sobre pedra), o Governo dos Estados Unidos passou a favorecer firmemente um julgamento justo perante um tribunal internacional, como o único meio de assegurar os efeitos morais que todos desejavam. Uma questão crucial se apresentou logo de início: dever-se-ia incluir "crimes contra a paz" nas acusações?

Os delegados franceses (Juiz Robert Falco e o Professor André Gros), achavam que não, pois entendiam que, mesmo que as guerras de agressão fossem ilegais, os peritos do Direito Internacional não concordavam com isso, entendendo que se erro houve, este não foi cometido por indivíduos mas por um Estado. Ainda não havia nenhuma regra jurídica reconhecida que tornasse alguém pessoalmente responsável, por mais lamentável que esta posição pudesse ser.

Os russos não estavam preocupados com tais considerações legais, mas estipularam uma condição: qualquer definição de crime deveria ser explicitamente restrita aos atos agressivos cometidos pelos alemães e seus aliados. Não é de surpreender que os russos considerassem vital este ponto, considerando a própria história de agressões do Kremlin contra a Polônia e a Finlândia. A aceitação dos aliados pela inclusão desta cláusula livraria os soviéticos, no futuro, de aborrecimentos em outras questões delicadas, como no caso específico do massacre

de Katyn. Às 10 horas da manhã do dia 20 de novembro de 1945, iniciou-se o Julgamento de Nuremberg, envolto na atmosfera tensa de uma grande ocasião.

Mas, como diz **Kahn (1973, p. 65)**, "o Tribunal cuidara em manter sob controle os aspectos emocionais e espetaculares, restando apenas o mínimo da formalidade que a dignidade do evento exigia. Não houve pompa cerimonial e nenhum esforço para se obter efeitos dramáticos". Os jornais da época informaram que os juizes soviéticos se apresentaram fardados, mas sem ostentar qualquer condecoração. Os outros juizes trajavam simples togas pretas; no caso dos franceses, seus peitilhos tradicionais davam um toque de elegância formal.

9. 2 — O "Caso Katyn"

Infrações imprudentes ou deliberadas das leis que protegem os prisioneiros de guerra podem ter sido cometidas por todos os beligerantes, em todas as guerras, embora apenas em casos isolados. Mas, no curso da Segunda Guerra Mundial essa prática excedeu em barbárie a tudo o que se poderia esperar. Praticamente todos os beligerantes ignoraram a lei internacional cometendo atrocidades inomináveis. Todavia, em Nuremberg, tratava-se de apurar apenas uma das faces da verdade, e mesmo esta, apoiada muitas vezes na falsidade e na mentira. Farsa semelhante e até mesmo pior do que a de Versalhes foi montada em Nuremberg. Em Versalhes a Alemanha se viu despojada de territórios e bens materiais; em Nuremberg, atentou-se contra a vida de estadistas considerados "criminosos de guerra".

A ilegalidade do Tribunal de Nuremberg — fato que leva muitos autores a classificarem-no como "Linchamento de Nuremberg" — é incontestável à luz do direito internacional. Mas há pontos que ainda não foram abordados a fundo pelos juristas e historiadores da época presente. Dentre esses pontos inclui-se o estudo da natureza da guerra. Só será possível compreender esse fenômeno e tomar partido em favor desse ou daquele contendor, após localizar as raízes do conflito, de esmiuçá-las sem tendências ou idéias preconcebidas. O Tratado de Versalhes, imposto à Alemanha no final da Primeira Guerra Mundial, comprovou — conforme **Ferrero**, que "a civilização contemporânea sabe fazer a guerra bastante bem, mas esqueceuse da maneira de fazer a paz".

As sanções impostas à Alemanha, de natureza territorial, industrial, comercial, financeira, militar e moral transformaram a paz que poderia ser duradoura num simples armistício. Em realidade, a maioria dos analistas daquele conflito é unânime em afirmar que a paz de Versalhes foi uma "paz Cartaginesa". Em outras palavras, assim que a Alemanha pudesse afastar de si a a bota dos usurpadores, ela o faria pelo compromisso com a honra de seu povo. Mais do que isto: a reparação das injustiças impostas em Versalhes era uma questão de vida ou morte; dela dependia a própria sobrevivência do povo alemão.

Não cabe aqui enumerar as penalidades impostas à Alemanha pelo famigerado Tratado de Versalhes, mas aconselha-se ao leitor que porventura desconheça o seu conteúdo dar-se ao trabalho de consultá-lo. **(Obras indicadas: "Holocausto Judeu ou Alemão?", de S.E. Castan, 26ª ed. p. 35/38; "A Conduta da Guerra", de J.F.C. Fuller, p. 209/217, dentre outras)**. Depois de conhecido os termos do Tratado de Versalhes, o passo seguinte seria o de examinar a natureza da guerra segundo os mais proeminentes analistas daquele fenômeno. Donald G. Macrae, em sua abordagem biológica da natureza da guerra, diz: "A guerra é uma imposição da lei da sobrevivência. (...) o homem herdou seus instintos agressivos do reino animal, onde exercem funções úteis, como a delimitação da área disponível à espécie para assegurar um adequado suprimento de alimentação". **(In: Julian Líder – "Da Natureza da Guerra", p. 17)**.

Julian Líder, na obra acima citada, diz que "o homem tem um 'senso de território' que se manifesta por um profundo apego emocional a uma determinada área e, devido a estas necessidades instintivas e funcionais, desenvolveu a tendência de lutar por seu território", (p.18). O mesmo autor acrescenta: "A luta por uma base física suficiente para safistazer às necessidades humanas pode tomar a forma de guerra. (...) A guerra pode preencher duas finalidades: proporcionar ao vencedor o espaço e os recursos necessários e ao mesmo tempo reduzir o efetivo humano, compatibilizando-o com os recursos disponíveis.

(...) Em sua forma clássica, a situação geopolítica de um Estado é definida como o espaço indispensável para uma nação viver próspera e seguramente. (...) A guerra neste esquema é uma manifestação ou uma forma de luta por melhores condições geopolíticas. (...) A luta por espaço equivale à luta pela vida, e a área terrestre de uma nação é a indicação de seu poder e vitalidade", (p. 24/25).

Esses princípios certamente foram ignorados pelos responsáveis pelo Tratado de Versalhes. Ao contrário deles, o futuro Führer alemão, Adolf Hitler, não os ignorava... Em Nuremberg, de certa forma com mais gravidade até, repetiram-se as injustiças de Versalhes. Embora o "Plano Morgenthau" (que previa não deixar pedra sobre pedra na Alemanha vencida) fosse deixado de lado, tal como ficara estabelecido na Conferência de Teerã, os principais líderes alemães foram condenados à morte pelo crime de terem levado sua pátria à guerra. Alegou-se que "atrocidades" e "massacres" haviam sido cometidos com a aprovação da cúpula alemã.

Testemunhas desfilaram aos montes, trazidas pelos "juizes" das quatro potências responsáveis pelo Julgamento. Testemunhas como o búlgaro Dr. Marko Antonow Markov, que depôs no caso Katyn. No meio de tantas acusações, os russos acreditaram que o massacre de Katyn seria facilmente absorvido pelos desalentados alemães, livrando-os de uma difícil situação perante os poloneses e a opinião pública mundial. O acusador soviético em Nuremberg, coronel J.W. Pokrowsky, expôs a discussão do caso:

"Vou tratar agora de um dos atos de crueldade que foram cometidos pelos hitlerianos com membros do Exército polonês. Depreende-se do libelo de acusação que uma das principais ações criminosas foi a execução em massa de prisioneiros de guerra poloneses, execução que se realizou nos bosques de Katyn, localidade situada nas proximidades de Smolensk, por parte dos invasores germano-fascistas". A seguir, Pokrowski apresentou uma minuta do laudo de investigações da Comissão organizada pelos soviéticos quando da retomada da região de Smolensk, e cujo teor foi visto anteriormente.

Resumidamente, é interessante recordar que o laudo apontava um total de onze mil mortos, tendos os obtidos ocorrido no outono de 1941 (setembro/dezembro). O responsável direto pelo massacre teria sido o Regimento de Comunicações 537, comandado pelo Coronel Friedrich Ahrens. Otto Stahmer, o advogado de defesa de Hermann Goering, arrolou como testemunha de defesa justamente o acusado direto pelo massacre — o coronel Friedrich Ahrens.

Os arquivos do Julgamento de Nuremberg registram a íntegra do interrogatório a que foi submetido o coronel Ahrens, depois de prestar juramento:

"**Stahmer**: O seu regimento era o Regimento de Comunicações 537?"

"**Ahrens**: Sim".

"**Stahmer**: Havia alguma unidade chamada "Bau Bataillon 537?"

"**Ahrens**: Jamais ouvi falar nessa unidade".

"**Stahmer**: Descobriu o senhor ao chegar a Katyn que na floresta existia uma vala?"

“**Ahrens**: Pouco depois da minha chegada à região, os meus soldados chamaram-me a atenção sobre o fato de que por cima de um monte existia uma simples cruz de madeira de abeto. Vi a cruz. Durante todo o ano de 1942 os meus soldados e diversos moradores da região insistiram em que ali, no bosque de Katyn, se tinham realizado fuzilamentos em massa. No inverno do ano de 1943, em janeiro ou fevereiro, vi casualmente um lobo naquele bosque. Em companhia de um caçador experimentado segui os rastros do animal e descobrimos que tinha estado a raspar com as garras o montículo onde se levantava a cruz. Mandei que examinassem os ossos que ali descobrimos e os médicos disseram que se tratava de restos humanos”.

“**Stahmer**: Quem ordenou que se fizessem aquelas investigações?”

“**Ahrens**: Não me lembro dos pormenores. Limitei-me a dar conta do meu descobrimento aos meus superiores. Lembro-me que um dia apareceu o professor doutor Butz, que me informou que recebera ordens para realizar umas escavações na floresta, onde estava localizada uma companhia de minha unidade”.

“**Stahmer**: O professor doutor Butz o informou acerca dos resultados das escavações?”

“**Ahrens**: Entregou-me uma espécie de “diário”, onde apareciam anotados muitos dados e que ele não podia ler, porque desconhecia a língua polonesa; examinei o “diário”. Lembro-me que as anotações tinham sido feitas por um oficial, em março de 1940, e diziam, no fim, que ele e seus companheiros temiam um fim dos mais terríveis”.

“**Stahmer**: Afirmam que no mês de março de 1943 transportaram em camionetas grande número de cadáveres para Katyn e que foram enterrados nas florestas. Sabe o senhor qualquer coisa a respeito?”

“**Ahrens**: Não, não sei de nada”.

O doutor Otto Kransbühler, defensor do acusado Doenitz, também formulou perguntas ao coronel Friedrich Ahrens:

“**Kransbühler**: Falou o senhor em alguma ocasião, com os habitantes do lugar a cerca do que puderam observar no ano de 1940?”

“**Ahrens**: Sim, desde o princípio do ano de 1943 vi via próximo do meu Estado-Maior um casal russo. Foi por ele que soube que na primavera de 1940 tinham chegado à estação de Gnesdowo vagões ferroviários com mais de duzentos poloneses fardados. Tinham ouvido muitos gritos e também muitos tiros”.

“**Kransbühler**: Esta cena se constituiu em fato isolado?”

“**Ahrens**: O casal disse que durante vários dias chegaram poloneses à estação de Gnesdowo. Sempre se repetiam os gritos e os tiros, vindos do bosque de Katyn”.

“**Kransbühler**: Quando uma fração de sua unidade se instalou no palacete de Dnjepr, em Katyn, perguntou o senhor a quem é que a residência tinha pertencido?

“**Ahrens**: Sim, perguntei-o porque estava interessado em sabê-lo. Era uma casa de construção muito curiosa. Tinha um cinema e um campo de tiro próprios. Disseram-me que pertencera a G.R.U., um órgão subordinado ao N.K.W.D.”.

“**Kransbühler**: Foram descobertas, no total, quantas valas em Katyn?”

“**Ahrens**: Não me recordo do número exato, mas além das grandes valas junto ao bosque, haviam outras menores nas proximidades do palacete de Dnjepr. Nessas valas, segundo pôde ser apurado, haviam esqueletos tanto de homens como de mulheres”.

A seguir, Ahrens foi submetido a interrogatório por parte do acusador soviético L.N. Smirnow:

“**Smirnow**: Esteve o senhor pessoalmente em Katyn em setembro ou novembro de 1941?”

“**Ahrens**: Não”.

“**Smirnow**: Isto quer dizer que o senhor não sabe o que pôde ter acontecido em setembro ou novembro de 1941 no bosque de Katyn?”

“**Ahrens**: Eu não estava lá nesta data”.

“**Smirnow**: Vou citar-lhe os nomes de vários oficiais da Wehrmacht. Por favor, responda se estes oficiais pertenciam à unidade sob seu comando: tenente Rex?”

“**Ahrens**: O tenente Rex era o meu ajudante”.

“**Smirnow**: Estava adido a esta unidade antes de o senhor ter sido destinado a Katyn?”

“**Ahrens**: Sim, já estava lá antes da minha chegada”.

“**Smirnow**: E o tenente Hodt ou Hoth, o senhor o conhece?”

“**Ahrens**: Hodt era o seu nome. Ele pertencia ao meu regimento”.

“**Smirnow**: Vou recordar-lhe o nome de outros praças: Suboficial Rose, soldado Giesecke, sargento Krimmenski, sargento Lummert, um cozinheiro chamado Gustav. Faziam todos eles parte da sua unidade?” “

“**Ahrens**: Sim”.

“**Smirnow**: E não sabe o senhor o que fizeram estes homens durante os meses de setembro, outubro e novembro de 1941?”

“**Ahrens**: Como eu não estava lá, não posso sabê-lo com certeza”.

“**Smirnow**: Foi informado de que a Comissão Estatal o considera como um dos responsáveis pelos crimes cometidos em Katyn?”

“**Ahrens**: A informação diz “um tal Ahrens”.

A participação de Friedrich Ahrens no banco das testemunhas não se encerrou aí. O juiz soviético Iola Nikitschenco acrescentou as seguintes perguntas:

“**Nikitschenko**: Não estava ò senhor pessoalmente presente quando o professor Butz descobriu o “diário” e outros documentos que foram encontrados?”.

“**Ahrens**: Não”.

“**Nikitschenko**: De modo que o senhor não pode assegurar que os documentos foram encontrados nas valas?”

“**Ahrens**: Não”.

Outra testemunha ouvida pelo Tribunal foi o ex-tenente Reinhard von Eichborn, do Regimento de Comunicações 537, arrolado pelo doutor Stahmer:

“**Stahmer**: Senhor testemunha, sabe quem habitou naquele palacete, antes dele ter sido ocupado pelos alemães? Sabe a quem pertenceu?

“**Eichborn**: Pelo que se pôde apurar ele pertenceu a G.R.U.”

“**Stahmer**: O senhor viu as covas?”

“**Eichborn**: Eu as vi quando foram descobertas e mais tarde quando a Comissão de médicos examinou os cadáveres”.

“**Stahmer**: O senhor tomou conhecimento do laudo da Comissão? Lembra-se da época em que, segundo a Comissão, ocorreram as mortes?”

“**Eichborn**: Nossa unidade recebeu uma cópia do laudo. Tenho certeza de que, segundo a opinião dos médicos, as mortes ocorreram durante os meses de março e abril de 1940”.

“ **Stahmer**: Quantos médicos assinaram o laudo?”

“**Eichborn**: Não me recordo bem, mas creio que ha viam doze assinaturas”.

A testemunha seguinte, apresentada pela defesa, foi o general Eugen Oberhäuser, chefe de Comunicações do Grupo de Exércitos Centrais e superior imediato do coronel Friedrich Ahrens:

“**Stahmer**: Contava o Regimento de Comunicações com os meios necessários, pistolas e munições, que teriam tornado possível esse assassínio em massa?”

“**Oberhäuser**: O Regimento de Comunicações 537 constituía uma tropa de retaguarda e, como tal, estava precariamente armado”.

“**Stahmer**: Explique melhor: o que significa estar “precariamente armado”?

“**Oberhäuser**: Significa que os homens portavam apenas armas de defesa pessoal”.

“**Smirnow** (acusador soviético): Que tipo de armas contava o Regimento?”

“**Oberhäuser**: Pistolas Walther ou Mauser”...

“**Smirnow**”:Pode dizer-me o número de pistolas com as quais contava o Regimento?”

“**Oberhäuser**: Suponhamos que cada um dos oficiais tinha uma pistola. Isto significaria um total de cento e cinqüenta”.

“**Smirnow**: Por que diz o senhor que com cento e cinqüenta pistolas não se pode realizar uma execução em massa?”

“**Oberhäuser**: Porque o Regimento de Comunicações 537 sempre esteve muito dividido. Ele cobria a zona de Wolodow até Witbsk, e por isso, é difícil que cento e cinqüenta pistolas fossem concentradas num mesmo lugar. Em Katyn nunca houve uma guarnição superior a 50 homens, e, destes, não mais do que 10 eram oficiais”.

“**Stahmer** (voltando a perguntar): O Regimento cobria uma zona muito ampla. Que distância?”

“**Oberhäuser**: Mais de quinhentos quilômetros”.

“**Stahmer**: O senhor disse que os oficiais portavam pistolas Walther ou Mauser. Correto?”

“**Oberhäuser**: Correto”.

“**Stahmer**: O senhor tomou conhecimento do laudo da Comissão Internacional de Investigação que atuou em Katyn?”

“**Oberhäuser**: Recebi uma cópia do referido laudo”.

“**Sthamer**: Qual a procedência dos projetis encontrados nos corpos de Katyn?

“**Oberhäuser**: De acordo com o laudo dos técnicos, eram de fabricação “Greco”.”

“**Stahmer**: As pistolas Walther e Mauser empregam projetis dessa procedência?”

“**Oberhäuser**: Não”.

A seguir, o Ministério Público russo apresentou as suas testemunhas, iniciando pelo astrónomo Boris Bazilewsky, que durante a ocupação alemã foi vice-presidente da Câmara de Smolensk:

“**Smirnow**: Há quantos anos o senhor residia na cidade de Smolensk, antes dela ser ocupada pelos alemães?

“**Bazilewsky**: Desde o ano de 1919”.

“**Smirnow**: Conhece o senhor a denominada floresta de Katyn?”

“**Bazilewsky**: Sim. Era o lugar predileto dos habitantes de Smolensk”.

“**Smirnow**: Era esta floresta antes da guerra um lugar proibido ou vigiado?”

“**Bazilewsky**: Toda gente tinha livre acesso a ela”.

“**Smirnow**: Quem era o presidente da Câmara Municipal de Smolensk?”

“**Bazilewsky**: Era o advogado Menschagin”.

“**Smirnow**: Quais eram as relações de Menschagin com as forças de ocupação alemãs?”

“**Bazilewsky**: Foram relações muito boas”.

“**Smirnow**: Poderia dizer-se que os alemães consideravam Menschagin como homem de confiança e que até lhe podiam ter feito confidências secretas?”

“**Bazilewsky**: Sem dúvida, é bem possível”.

“**Smirnow**: O que faziam os prisioneiros poloneses próximos de Smolensk? Sabe o senhor o que lhes aconteceu?

“**Bazilewsky**: Com respeito aos prisioneiros de guerra poloneses, Menschagin disse-me que os alemães tinham decidido exterminá-los.”

“**Smirnow**: Tornou a falar, mais tarde, com Menschagin acerca dos prisioneiros poloneses?”

“**Bazilewsky**: Duas semanas mais tarde voltei a tocar no assunto. Perguntei-lhe o que tinha acontecido com os prisioneiros de guerra poloneses. Menschagin a princípio hesitou e depois disse: o caso dos poloneses é assunto liquidado”.

“**Smirnow**: Disse-lhe Menschagin por que motivo tinham sido fuzilados os prisioneiros de guerra poloneses?”

“**Bazilewsky**: Menschagin não soube dizer o motivo”.

Depois de uma pausa na sessão, o doutor Stahmer submeteu a testemunha a um contra-interrogatório:

“**Stahmer**: Senhor testemunha, se não me engano, o senhor esteve lendo as respostas antes de ser interrogado pelo acusador soviético, doutor Smirnow. É isto verdade?”

“**Bazilewsky**: Não li nada. Tinha na mão um plano geral da sala de sessões”.

“**Stahmer**: Mas dava a impressão de que o senhor lia as respostas. Como é que explica que o intérprete já tivesse em seu poder a tradução de suas respostas?”

Fez-se tumulto na sala de sessões, com os soviéticos impedindo que Stahmer prosseguisse o contra-interrogatório. Mais tarde, com instruções de parte do Juiz Presidente para que Stahmer não voltasse a insistir no fato de que as respostas da testemunha haviam sido adrede preparadas, reabriu-se a sessão:

“**Sthamer**: Conhece o senhor o palacete de Dnjepr?”

“**Bazilewsky**: Nas imediações de Katyn existem muitos palacetes?”

“**Stahmer**: Refiro-me ao palacete situado junto ao bosque?”

“**Bazilewsky**: As margens do Dnjepr são muito compridas, por isso não posso precisar a que palacete o senhor se refere?”

“**Stahmer**: De modo que não sabia o senhor que na floresta de Katyn existia uma casa de repouso, sanatório ou coisa parecida, da G.R.U.?”

"**Bazilewsky**: Sabia-o muito bem, como aliás ocorria com todos os habitantes de Smolensk".

"**Stahmer**: Nesse caso, sabe perfeitamente a que casa estou a me referir".

"**Bazilewsky**: Pessoalmente nunca estive naquela casa. Nela só podiam entrar os familiares dos agentes empregados no Ministério do Interior. Outras pessoas não podiam e não conseguiam autorização para entrar lá".

"**Stahmer**: Pode o senhor mencionar alguma testemunha da execução?"

"**Bazilewsky**: Não, não conheço nenhuma testemunha ocular".

"**Stahmer**: Menschagin foi castigado, quando da libertação de Smolensk, por ter colaborado com os alemães?"

"**Bazilewsky**: Menschagin foi preso e pelo que me consta faleceu na prisão".

"**Stahmer**: E o senhor recebeu qualquer espécie de punição, pelo mesmo motivo?"

"**Bazilewsky**: Não, pois jamais colaborei com os alemães".

A seguir, conforme a historiografia do Tribunal de Nuremberg, ocupou a tribuna um homem que desempenhou um papel muito discutido na história de Katyn. Trata-se do médico de nacionalidade búlgara, doutor Marko Antonow Markov, do Instituto de Medicina Legal de Sofia. Quando o médico alemão Leonardo Conti convidou, no mês de abril de 1943, doze peritos estrangeiros para compor a Comissão Internacional que iria vistoriar as valas de Katyn, Markov aceitou, voluntariamente, fazer parte do grupo.

A sua assinatura consta na informação da Comissão Médica, cujo teor acusa os russos, atribuindo-lhes, inequivocamente, a autoria do massacre. Mais tarde, quando a Bulgária foi ocupada pelas tropas russas, Markov foi levado, em 19 de fevereiro de 1945, perante o tribunal popular de Sofia. Declarou perante este tribunal que os agentes da Gestapo tinham vigiado dia e noite os membros da Comissão e que estes, sob coação irresistível, tinham sido obrigados a assinar o documento.

Perante o Tribunal de Nuremberg, Marko Antonow Markov foi submetido ao seguinte interrogatório:

"**Smirnow**: Quando chegou a Comissão a Katyn?"

"**Markov**: A Comissão chegou a Smolensk na noite de 28 de abril de 1943".

"**Smirnow**: Quantas vezes os membros da Comissão examinaram pessoalmente as valas da floresta de Katyn?"

"**Markov**: Estivemos duas vezes nos bosques de Katyn, nas manhãs de 29 e 30 de abril".

"**Smirnow**: Por quanto tempo estiveram os senhores a examinar as valas?"

"**Markov**: Três a quatro horas de cada vez".

"**Smirnow**": Confirmou o senhor à Comissão que os cadáveres havia três anos que tinham sido enterrados?"

“**Markov**”: Segundo a minha opinião, os cadáveres tinham sido enterrados havia menos de três anos. O cadáver que examinei pessoalmente havia um ou dois anos, no máximo, que tinha sido enterrado”.

“**Smirnow**: É costume na medicina legal búlgara, que um exame seja dividido em duas partes: descrição e ditame?”

“**Markov**: Sim”.

“**Smirnow**: Contém o documento, assinado pelo senhor, uma opinião?”

“**Markov**: O documento assinado por mim só contém a descrição e não a opinião ou ditame. Pelos documentos que puseram à nossa disposição despreendia-se claramente que queriam que nós certificássemos que os cadáveres estavam lá enterrados há mais de três anos, e isto podia ser deduzido claramente dos documentos que submeteram à nossa disposição no palacete”.

“**Smirnow**: Foram-lhes apresentados esses documentos, antes ou depois da autópsia?”

“**Markov**: Os papéis nos foram entregues um dia antes da autópsia”.

“**Smirnow**: Quando assinou o documento sabia, sem dúvida de espécie alguma, que os assassínios de Katyn não tinham sido cometidos antes do último trimestre do ano de 1941 e que também se devia excluir o ano de 1940?”

“**Markov**: Sim, sabia-o e por esse motivo não permiti que figurassem no documento dados referente à opinião final”.

“**Smirnow**: Por que então assinou o documento mencionado?”

“**Markov**: Na manhã do dia l ? de maio tomamos o avião em Smolensk. Ao meio-dia aterramos em Bela. Tratava-se de um campo de aviação militar. Ali almoçamos e depois apresentaram-nos exemplares do documento para que os assinássemos. Apresentaram-nos os documentos naquele afastado campo de aviação. Este foi o motivo pelo qual o assinei”.

Em seguida, a testemunha foi interrogada pelo doutor Stahmer:

“**Stahmer**: O documento não somente foi assinado pelo senhor, mas também por outros onze cientistas, alguns deles de fama mundial. Figura dentre eles, por exemplo, o doutor Naville, representante da Suíça, um país neutral. Acha que todos se acovardaram e por isso assinaram o laudo?”

“**Markov**: Não sei o motivo pelo qual os outros assinaram o documento. Mas julgo que todos o fizeram nas mesmas circunstâncias que eu”.

É interessante abrir aqui um parêntese sobre este ponto do depoimento de Marko Antonow Markov. No dia 17 de janeiro de 1947, três meses depois de ter acabado o Julgamento de Nuremberg, foi interrogado o médico suíço, doutor Francis Naville, pelo Grande Conselho do Cantão de Genebra, com relação a sua participação no episódio de Katyn. Na opinião do Conselho, Naville, que integrou a Comissão voluntariamente, procedeu sempre "de acordo com o que exigia sua profissão". E o Presidente do Conselho disse textualmente — conforme **Heydecker & Leeb (1967, p. 326)**: "No caso em que Markov fosse realmente obrigado a prestar uma declaração, resta saber se esta pressão foi exercida sobre ele por baionetas alemãs ou soviéticas".

Em Nuremberg, Stahmer também inquiriu Markov:

"**Stahmer**: No seu relatório diz o senhor que o cadáver que foi examinado por si conservava a farda. De inverno ou de verão?"

"**Markov**: De inverno, capote e gola de pele de cordeiro".

"**Stahmer**: Na informação encontravam-se os seguintes dados: "Os documentos encontrados em poder dos cadáveres, diários, cartas e jornais tinham as datas do outono de 1939 a março e abril de 1940. A última data corresponde a um jornal russo de 22 de abril de 1940". Eu pergunto: estão certos estes dados? Correspondem aquilo que o senhor viu pessoalmente?"

"**Markov**: Com efeito, mostraram-nos essas cartas e esses jornais".

"**Stahmer**: Apenas mostraram ou alguns foram encontrados pelos senhores?"

"**Markov**: Alguns desses papéis foram encontrados pelos médicos que realizaram as autópsias".

"**Stahmer**: E nenhum desses documentos tinha data posterior a abril de 1940?"

"**Markov**: Nenhum deles".

Os russos não tiveram melhor sorte com outra de suas testemunhas — o professor Iljitsch Prosorowsky:

"**Smirnow**: O senhor, enquanto efetuava a autópsia dos cadáveres, achou projetis ou cartuchos de balas?"

"**Prosorowsky**: Os oficiais poloneses tinham sido assassinados com um tiro na nuca. Sim, encontramos ambas as coisas: projetis e cartuchos durante as escavações. Esta munição tinha gravada a palavra "Greco".

"**Smirnow**: "Greco" é uma marca de fabricação soviética?

"**Prosorowsky**: A marca "Greco" é alemã".

Stahmer, que certamente se prevenira para aquela eventualidade, levantou se e solicitou um aparte:

“**Stahmer**: Senhor Presidente, permita-me anexar uma prova aos autos. Tenho nas mãos uma cópia do Tratado de Rapallo e notas de embarque da fábrica Genschow, de Durlach, responsável pela produção e distribuição dos projetis “Greco”. Foram exportados para os países bálticos e para a União Soviética cerca de 10 milhões desses cartuchos durante o ano de 1939”.

Apesar da insistência dos russos, o episódio de Katyn não constou no libelo acusatório final de Nuremberg. As provas não eram apenas inconsistentes. Elas apontavam perigosamente noutra direção. Ninguém em Nuremberg duvidava de que a prova contra os alemães fosse dúbia ou falsa, inclusive porque os poloneses tinham feito uma cuidadosa investigação sobre o massacre. A respeito do assunto publicaram um panfleto em Londres, dizendo que tanto eles quanto os oficiais do Serviço Secreto norte-americano e inglês tudo revelariam no devido tempo.

De acordo com os poloneses, os russos e não os alemães haviam cometido o crime na floresta de Katyn. Entendiam os poloneses que muitas pessoas no Tribunal, inclusive os promotores soviéticos, sabiam disso. Os membros do Ministério Público norte-americano e inglês viram-se num embaraçoso dilema. Nem o Tribunal de Nuremberg nem, como antes ficara convencionado, os líderes dos Aliados Ocidentais, poderiam aceitar acusações contra os russos.

O máximo que se conseguiu, para salvar as aparências, foi excluir o episódio de Katyn do veredito final... Algumas mentiras chegaram a ser grosseiras. Por exemplo: quando da entre vista dos generais Wladyslaw Sikorski e Wladyslaw Anders com Joseph Stalin, em 3 de dezembro de 1941, este último dissera que **todos os poloneses em poder da união soviética haviam sido postos em liberdade no inverno e primavera de 1940**. Mais tarde, quando do laudo da Comissão de Investigação organizada pelos soviéticos, para exame das vítimas de Katyn (outubro de 1943), a declaração de que **muitos prisioneiros poloneses ainda se encontravam “construindo estradas” na união soviética, em setembro de 1941**, entrava em total contradição com o que afirmara Stalin aos generais Sikorski e Anders.

X — JUNTANDO AS PEÇAS ESPARSAS

10. 1 — Acontecimentos Posteriores A Nuremberg

No ano de 1952 um deputado norte-americano tentou reviver o episódio de Katyn.

— O fato de que os soviéticos não chegassem a formular uma acusação concreta contra os alemães, não significará talvez um pleno reconhecimento da sua própria culpa? — perguntou Daniel J. Flood ao antigo acusador em Nuremberg, Robert Kempner. — Pelo menos trata-se de uma situação muito curiosa — respondeu Kempner. Admiramos profundamente Stahmer, que obrigou os soviéticos a renunciar a uma acusação no caso de Katyn. Constituiu este fato uma absoluta vitória da defesa.

Até o mês de novembro de 1952 — conforme **Heydecker & Leeb (1967, p. 327)** — o Comitê americano interrogou grande número de testemunhas, muitas das quais quiseram conservar o anonimato e fizeram as suas declarações com as cabeças envolvidas com sacos. Robert H. Jackson, o Procurador-Geral americano no Julgamento de Nuremberg, declarou perante a Comissão:

— Em Nuremberg já suspeitávamos de que os russos podiam ser os culpados pelo massacre dos oficiais poloneses. Por este motivo, negamo-nos a acusar do crime os alemães.
O tenente-coronel John H. van Fliet Jr., fez igualmente uma declaração muito importante. No ano de 1943 era prisioneiro de guerra dos alemães e fez parte de um grupo de prisioneiros de guerra ocidentais que foram convidados, pelas autoridades alemãs, a visitar as valas na floresta de Katyn. John van Fliet Jr. disse à Comissão:

— Eu odiava os alemães, mas tive de reconhecer que naquele caso diziam a verdade. Os oficiais poloneses foram realmente mortos na primavera de 1940.

Esta declaração que van Fliet prestou, imediatamente depois do seu regresso aos Estados Unidos, foi mantida em segredo pelo Serviço Secreto com medo que a União Soviética se negasse a participar na guerra contra o Japão. Em 12 de fevereiro de 1953, o Comitê publicou um relatório de 2.364 páginas sobre o resultado de suas investigações. Neste relatório a União Soviética é apontada como responsável do assassínio de 4.500 oficiais poloneses. Todos os países membros das Nações Unidas receberam uma cópia, mas desde aquela data a opinião pública mundial não tornou a ouvir nenhum comentário a respeito do assunto.

10.2 — O Por Quê Do Massacre

Teriam os russos cometido o massacre sem uma razão de ser, matando os oficiais poloneses sem qualquer motivo, ou teriam agido premidos por alguma circunstância?
Procedeu-se uma busca exaustiva, já que a maioria dos autores que se reportam à Segunda Guerra Mundial, embora aludindo ao episódio Katyn, omitem os motivos que levaram os soviéticos a cometer tal crime. Não há uma prova concludente sobre o por quê ou por quês dessa ignomínia. Dentre algumas especulações aventadas, parece que a apresentada por **Higgins (1969)**, **Bryant** (**1957**), **Derry** (**1959**) e **Zawodny** (**1962**) é a que apresenta maior consistência.

Convém recordar que no dia 30 de novembro de 1939, data em que a União Soviética invadiu a Finlândia, estava em pleno vigor o Pacto assinado por Molotov e Ribbentrop, em 25 de agosto de 1939, dias antes do ataque alemão à Polônia. Em razão desse Pacto, a União Soviética, que se aliara à Alemanha para destruir a Polônia, embora mantendo relações diplomáticas com as potências ocidentais (França e Inglaterra), era vista por estas com profunda desconfiança. Para que lado se inclinaria o Kremlin, afinal de contas? A União Soviética se manteria alinhada a Hitler, que estava em guerra com a França e a Inglaterra, ou se voltaria para o Ocidente, rompendo com os alemães?

A Sociedade das Nações ainda tinha um pouco de vida. Amputada da Alemanha, da Itália e do Japão, viúva dos Estados Unidos desde o nascimento, continuava a funcionar, à margem do seu belo lago suíço e da imensa guerra que começava. Acusa imediatamente a União Soviética pela agressão à Finlândia, mas esgotada pelo seu primeiro gesto enérgico, fenece e morre. Até mesmo o povo alemão se solidariza com a Finlândia. Muitos alemães se apresentam como voluntários. Querem ajudar no esforço finlandês, mas o Governo alemão abafa as manifestações de solidariedade à nação agredida. A aliança germano-soviética é, ainda, por demais indispensável a Hitler. A França e a Inglaterra têm as mãos mais livres. Sentiram violentamente a traição de Stalin por ter este preferido unir-se a Hitler do que a seus governos.

Acreditam que a Alemanha escape aos seus bloqueios, graças às reservas de matérias-primas russas. Para a França e para a Inglaterra, ajudar a Finlândia é enfraquecer a União Soviética. É solapar Hitler, portanto. Uma consideração de ordem estratégica reforça as simpatias ocidentais pelos heróicos combatentes do círculo polar: a ajuda à Finlândia pode fornecer aos Aliados um pretexto para se estabelecerem na Escandinávia. Ocupar a Suécia seria privar a Alemanha de minério de ferro insubstituível.

Ocupar a Noruega seria tornar o bloqueio intransponível. Nos estados-maiores da França e principalmente da Inglaterra nascem projetos grandiosos. A Alemanha só se conserva de pé porque se apoia na União Soviética; o conflito da Finlândia demonstra a debilidade do poderio militar soviético. Os agentes do Kremlin informaram seu Governo de que os Aliados estavam convictos de que, derrotando a União Soviética, a Alemanha, por sua vez, cairia.

Doumenc — o novo chefe do Estado-Maior do Exército francês planeja bombardear os campos petrolíferos de Baku, para estancar o fluxo de combustível que abastece a Alemanha. Propõe que se organize a insurreição dos povos do Cáucaso e que se ataque o porto de Murmansk e a região de Petsamo. Todos esses planos são imediatamente transmitidos ao Kremlin pela eficiente rede de agentes soviéticos. As esperanças dos alemães e os receios dos soviéticos referentes às reações dos ocidentais aos embaraços da União Soviética na Finlândia foram ainda mais acentuados a partir de 20 de janeiro de 1940, quando Winston Churchill declarou pelo rádio que os finlandeses "haviam demonstrado ao mundo inteiro a incapacidade do Exército e Força Aérea dos russos".

Na mesma semana, o Izvestia (jornal do Governo soviético) respondeu, pintando o Sr. Churchill como "o maior inimigo da União Soviética", ao passo que o Pravda (jornal do Partido Comunista) passou a prevenir os imperialistas anglo-franceses "contra quaisquer planos para estender a guerra de maneira sumamente perigosa". Ao mesmo tempo, temendo indispor-se com as duas facções a um só tempo, Stalin preocupou-se em lembrar aos alemães que a União Soviética vinha prestando "enorme serviço" ao Reich, vendendo-lhe material que de outro modo não poderia obter. Stalin reafirmou que, embora a política dos soviéticos houvesse feito inimigos, a pressão anglo-francesa jamais o impediria de continuar abastecendo a Alemanha. O Governo francês, sob forte pressão interna, acabou dando substância às acusações do Pravda, sugerindo a Londres, não só uma ação contra Narvik, como pretendia Churchill, como também o emprego de forças polonesas contra as bases soviéticas do Ártico, com a finalidade de ajudar a Finlândia.

É muito possível, de acordo com os autores citados no início deste item, que a ordem da Polícia Secreta Soviética, datada, segundo eles, de 12 de fevereiro de 1940, para que eliminassem os oficiais poloneses em suas mãos, tivesse sido dada sob o ímpeto da ameaça de um ataque polonês a Mursmank e Petsamo. Privando o Exército polonês de um substancial número de oficiais, este ficaria acéfalo de comando, impedindo que um grande número de unidades fossem reconstituídas. Além disso, os russos trataram de precaver-se contra uma possível revolta dos prisioneiros, quando se inteirassem de que compatriotas seus agiam em território soviético.

10.3 — Como Teria Ocorrido O Massacre

Não é muito difícil a esta altura, reunindo as inúmeras informações esparsas, reconstituir os fatos que culminaram com a morte dos oficiais poloneses. O Kremlin, ante a iminência de um ataque anglo-francês no Ártico, com a participação de efetivos poloneses, foi posto em sobressalto. Havia na União Soviética, disseminados por inúmeros campos, elevados contingentes de prisioneiros de guerra poloneses. Muitos deles haviam sido libertados no final de 1939 e janeiro de 1940 (na maioria praças), mas restavam, ainda, cerca de 7.000 oficiais confinados nos campos de Starobielsk e Kosielsk, além de 4.000 praças em outros campos.

No dia 12 de fevereiro de 1940, o Governo soviético determinou ao N.K.W.D. que libertasse todos os praças ainda mantidos prisioneiros e desse cabo dos oficiais. Uma operação dessa natureza, embora comum no Governo de Stalin, que, como todos sabem, procedera uma “limpeza” no seu próprio quadro de oficiais, demandava tempo e preparação. Não é fácil dar cabo à vida de 7.000 homens, disfarçando tanto quanto possível a ação. Era preciso, antes de tudo, escolher um local apropriado: devia ser próximo dos campos de prisioneiros, servido por ramal ferroviário e livre de vistas inconvenientes. Os encarregados da operação não tiveram muitas dificuldades em selecionar o local. O palacete de Dnjepr já se mostrara útil em outras oportunidades e preenchia os requisitos necessários. **(*)**.

Como Realizar A Operação?

Os “técnicos” da Glavnoje Raswedywatelnoje Uprawalenje (G.R.U) planejaram o seguinte:

1) Os prisioneiros seriam conduzidos de trem, num total de 200 por dia, desde os campos até a estação de Gnesdowo, pois se fossem desembarcados em Smolensk acabariam chamando a atenção. (Gnesdowo era a primeira estação depois de Smolensk, ficando tão próxima de Katyn quanto a outra. E tinha a vantagem de situar-se num lugarejo pouco habitado).

2) De Gnesdowo a Katyn, numa distância aproximada de 14 km, os prisioneiros seriam transportados de caminhão.

3) Em Katyn, os prisioneiros seriam confinados na sala de projeções existente no palacete de
Dnjepr, donde seriam conduzidos ao bosque em grupos, possivelmente de 20 indivíduos.

4) O bosque distava cerca de 600 metros do palacete, e os “técnicos” se certificaram de que em dias de vento desfavorável, os estampidos poderiam ser escutados pelos infelizes que ficariam aguardando sua vez. Para resolver o problema, foi decidido que os prisioneiros “ouviriam música”, durante o tempo de espera. Um velho, mas potente, gramofone foi conduzido para o palacete. A G.R.U. teve o cuidado de selecionar alguns discos de música polonesa, para maior satisfação dos hóspedes temporários**(**)**.

5) Deveriam ser abertas grandes valas, junto ao bosque. Os prisioneiros seriam conduzidos para a borda das valas e, ali, fuzilados com um tiro de pistola, na nuca.

6) As valas seriam cobertas à medida em que ficassem cheias. Posteriormente, se plantariam arbustos sobre elas.

Presume-se que tenham sido estas as providências tomadas pela G.R.U., a fim de executar a missão que lhe fora confiada. Muitos cadáveres dentre aqueles que foram autopsiados pela Comissão de médicos organizada pelos alemães, em abril de 1943, apresentavam lesões nas nádegas e parte posterior das coxas, provocadas por cutiladas de baioneta. Outros, tinham o maxilar fraturado à força de coronhadas.

Isto é facilmente explicável pela natural reação das vítimas, quando se inteiravam, finalmente, do que as aguardava. Estas lesões demonstram que os algozes portavam armas de maior porte (rifles), não as utilizando para o fuzilamento porque elas produzem um estampido mais forte do que o das pistolas. Não interessava aos executores da macabra missão que as vítimas mantidas no palacete, no aguardo de sua vez, fossem alertadas para o fim que elas próprias teriam. Se isto ocorresse, certamente se tornaria mais difícil o trabalho dos algozes. Os homens da G.R.U. eram perfecionistas, aprimorando sempre as lições apreendidas durante o expurgo stalinista.

(*) O coronel Friedrich Ahrens encontrou, convém recordar, pequenas covas nas imediações da construção, com esqueletos humanos de ambos os sexos.

(**) Os alemães do Regimento de Comunicações 537 encontraram o gramofone e os discos de música polonesa, ainda guardados na sala de projeções (cinema) do palacete de Dnjepr.

Cabe, aqui, deixar no ar uma pergunta. O embaixador polonês Jan Kot, quando visitou o Ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Andrej Wyschinski, em 6 de outubro de 1941, estimou o total de oficiais poloneses, desaparecidos no cativeiro da União Soviética, em 7.000. Em Katyn foram encontrados não mais do que 4.500 cadáveres.

Em que local da União Soviética foram sepultados os restantes 2.500 oficiais poloneses?

Onde se encontram as outras valas, similares a Katyn?

E os 4.000 praças, que destino tiveram?

Os russos implicitamente admitiram ter massacrado não os 4.500 oficiais encontrados em Katyn, mas os 11.000 desaparecidos ao distorcerem o número de cadáveres existentes nas valas daquela localidade. Convém recordar que a Comissão organizada pelos alemães procedeu a uma rigorosa contagem, chegando a um número próximo de 4.500 cadáveres.

Por que os russos afirmaram que as valas de Katyn abrigavam 11.000 corpos?

Simplesmente porque, justificando a existência ali de apenas 4.500 vítimas, ainda teriam de dar conta das 6.500 restantes! Afirmando falsamente que em Katyn haviam 11.000 cadáveres, as famílias dos restantes 6.500 desaparecidos deixariam de pedir informações sobre o paradeiro daqueles infelizes. Além disso, a Polônia e o mundo elegeriam os alemães como culpados.

CONCLUSÃO

Sobre as ruínas ainda fumegantes do III Reich, na destroçada e enlutada Nuremberg, um fragmento da História da Europa foi reconstruído, examinado e julgado pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial. Hoje, com a serena perspectiva concedida pelo inexorável transcorrer do tempo, mas também com a angustiada consciência que marcou com indelével sinete toda uma geração, é dever da humanidade examinar os fatos à luz da verdade e não das tendências e paixões que empanaram as decisões de Nuremberg.

Ali, foram julgados e condenados os vencidos, ignorando-se deliberadamente o fato de que também entre os vencedores haviam criminosos de guerra. O episódio de Katyn serve de exemplo, mas não se constituiu, de modo algum, em fato isolado a incriminar os soviéticos. Os artefatos nucleares jogados sobre as indefesas cidades de Hiroshima e Nagasaki, quando a guerra com o Japão já estava praticamente decidida, assim como o bombardeio criminoso e indiscriminado de cidades abertas alemãs, como Dresden, constituíram um dos mais autênticos "crimes contra a humanidade" de que se têm notícia.

No que tange a Katyn, é preciso que se diga que é possível matar tanto por ação como por omissão. E os poloneses, infelizes vizinhos da União Soviética, não sofreram de parte dos russos apenas a ação nefanda de Katyn. Naquele bosque acolhedor dos arrabaldes de Smolensk, onde os burocratas da G.R.U costumavam passar os fins de semana, foram assassinados 4.500 oficiais poloneses que haviam caído prisioneiros quando da invasão de seu país. Outras 6.500 vítimas foram sepultadas em outros locais... Mais tarde, os soviéticos matariam milhares de oficiais e praças poloneses, que agiam integrados clandestinamente à resistência de seu país, por deliberada omissão. Para contribuir com a libertação da Polônia, um elevado contingente de oficiais daquele país, dentre os que haviam fugido para a Inglaterra, foi transladado para território polonês.

No dia 12 de janeiro de 1945, coincidentemente com a data-hora do grande ataque soviético ao Vístula, os poloneses atacaram a guarnição alemã de Varsóvia, na tentativa de recapturar a sua capital. Os poloneses sabiam que só teriam sucesso com a ajuda dos soviéticos. Eles pediram ajuda, imploraram ajuda... mas os russos se mantiveram estáticos na outra margem do Vístula, limitando-se a observar o desesperado e infrutífero esforço dos poloneses. As tropas soviéticas transpuseram o Vístula, sim, mas em dezenas de outros pontos. Chegaram a penetrar, logo no primeiro dia do ataque, até 30 quilômetros do território à margem esquerda do rio, mas nada fizeram na região de Varsóvia. Cinco dias depois do início do ataque, isto é, no dia 17 de janeiro de 1945, finalmente se decidiram pela tomada de Varsóvia.

Encontraram pouca resistência por parte dos alemães desgastados pela luta contra os poloneses, e nenhuma ajuda destes, pois haviam sido dizimados... Olga Berggolts, poetisa e heroína soviética de Leningrado, uma das sobreviventes do terrível cerco de 900 dias, escreveu: "Que ninguém esqueça; Que nada seja esquecido". É certo. A ninguém é dado esquecer os horrores de uma guerra tão terrível como a que Olga Berggolts participou. Os russos não a esquecerão. Mas, de igual modo, sempre se lembrarão dela os poloneses. As vítimas da heróica Varsóvia, que morreram lutando, de armas na mão; as vítimas do terrível massacre de Katyn, que foram assassinadas, friamente, com uma bala na nuca; e os 2.500 oficiais desaparecidos em território soviético, que não puderam ser localizados, jamais poderão ser esquecidos. Não se trata de lembrar com intuitos revanchistas, mas como forma de evitar que tais episódios se repitam.

J.F.C. Fuller, autor de uma obra clássica, diz que, “como no exercício da medicina, a conduta da guerra é uma arte”. Mas, se a arte da cura se tornou uma ciência, a conduta da guerra continua no mesmo estágio da fase dos alquimistas; pior ainda, retrocedeu no século atual à sua forma mais bárbara de destruição e carnificina. Katyn é um dos muitos “crimes” imputados aos alemães que começa a tomar outro rumo. Quando já se havia concluído este trabalho, teve-se a satisfação de ler na 26ª edição da obra de **S.E. Castan**, **“Holocausto Judeu ou Alemão?”**, a reprodução de uma nota publicada na Folha de São Paulo, com o título “URSS reconhece massacre na Segunda Guerra”.

De acordo com a referida nota, a Rádio Moscou sugeriu em 29 de maio de 1988, “que as autoridades soviéticas poderão reconhecer que a N.K.W.D. (atual K.G.B.) assassinou milhares de oficiais poloneses capturados pelos soviéticos, durante a Segunda Guerra Mundial, desmistificando a versão oficial de que o massacre fora efetuado pelos nazistas”. Espera-se que este reconhecimento seja o ponto de partida para outras tantas desmistificações que se fazem necessárias a bem da verdade e do resgate moral do grande povo alemão. Arthur Schopenhauer apregoa que “a verdade tem longa vida...” É porém uma lástima que às vezes leve tanto tempo para ser revelada...

BIBLIOGRAFIA

1. Bezimenski, L. - O Militarismo Alemão Com/Sem Hitler. 2 Vol. Rio De Janeiro, Saga 1967.

2. Bormann, Martin. - Testamento Político De Hitler. São Paulo, Alvorda/Exposição Do Livro, 1965.

3. Bryant, Arthur. - The Turn Of The Tide, 1939-1943. Londres, Collins, 1957.

4. Cartier, Raymond. - A Segunda Guerra Mundial. 2 Vol. Rio De Janeiro, Primor 1977.

5. Castan, S.E. - Holocausto Judeu Ou Alemão? 26. Ed. Porto Alegre, Revisão, 1988.

6. Dahms. Hellmuth Günther. - A Segunda Guerra Mundial. 2 Vol. Rio De Janeiro, Bruguera, 1968.

7. Davidson, Eugene. - A Alemanha No Banco Dos Réus. 2 Vol. Rio De Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

8. Delarue, Jacques - História Da Gestapo. 3. Ed. Rio De Janeiro/São Paulo, Record, S.D.

9. Derry, T.K. - History Of The Second World War: The Campaign In Norway. Londres, H.M.S.O., 1959.

10. Fest, Joachim. Hitler. - Rio De Janeiro, Nova Fronteira, 1976.

11. Gehlen, Reinhard. - O Serviço Secreto. Rio De Janeiro, Artenova/Bibliex, 1972.

12. Goutard, A. - A Guerra Das Ocasiões Perdidas. Rio De Janeiro, Bibliex, 1967.

13. Heydecker, Joe J. & Leeb, Johannes. - O Julgamento De Nuremberg. 6. Ed. Lisboa, Ibis, 1967.

14. Higgins, Trumbull. - Hitler E A Rússia. São Paulo, Ibrasa, 1969.

15. Kahn, Leo. - Julgamento Em Nuremberg — Epílogo Da Tragédia. Rio De Janeiro, Renes, 1973.

16. Langer, Walter C. - O Relatório Secreto Da II Guerra Mundial. Rio De Janeiro, Artenova, 1973.

17. Manvell, Roger & Fraenkel, Heinrich. - Dowtor Goeòòefc. Rio De Janeiro, Record, S.D.

18. Margulies, Marcos. - Gueto De Varvósia. Rio De Janeiro, Documentário, 1973.

19. Mason, David. - Churchill. Rio De Janeiro, Renes, 1973.

20. Salisbury, Harrison E. - Os 900 Dias. Lisboa, Ibis, 1970.

21. Seth, Ronald. Invasão — Operação Barbarossa. Rio De Janeiro, Dinal, 1966.

22. Tremain, Rose. Stalin. Rio De Janeiro, Renes, 1973.

23. Wykes, Alan. - Goebbels. Rio De Janeiro, Renes, 1975.

24. **Hitler**. Rio De Janeiro, Renes, 1973.

25. **Himmler**. Rio De Janeiro, Renes, 1975.

26. Zawodny, J.A. - Death In The Forest. Paris, Notre Dame/Imprensa Da Universidade De Notre Dame, 1962.

COMISSÃO ORGANIZADA PELO GOVERNO ALEMÃO PARA INSPECIONAR AS VALAS DE KATYN

1 - Bélgica: Dr. Speleers - Professor de Oftalmologia na Universidade de Gent;

2 - Bulgária: Dr. Markow - Docente em Medicina Legal e Criminal, na Universidade de Sofia;

3 - Dinamarca: Dr. Tramsen - Especialista do Instituto de Medicina Legal de Copenhagen;

4 - Finlândia: Dr. Saxen - Professor de Anatomia Patológica da Universidade de Helsinki;

5 - Itália: Dr. Palmieri - Professor de Medicina Legal e Criminalística da Universidade de Nápoles;

6 - Croácia: Dr. Miloslavich - Professor de Medicina Legal e Criminalística da Universidade de Agram;

7 - Holanda: Dr. de Burlet - Professor de Anatomia da Universidade de Groningen;

8 - Protetorado Da Boêmia E Morávia: Dr. Hájek - Professor de Medicina Legal e Criminal em Praga;

9 - Romênia: Dr. Birkle - Médico Legal do Ministério da Justiça e 1º Assistente do Instituto de Medicina Legal e Criminal de Bucarest;

10 - Suíça: Dr. Naville - Professor de Medicina Legal da Universidade de Genebra;

11 - Eslováquia: Dr. Subik - Professor de Anatomia Patológica da Universidade de Pressburg e Chefe da Saúde Pública da Eslováquia;

12 - Hungria: Dr. Orsós - Professor de Medicina Legal e Criminal da Universidade de Budapest.

A Comissão foi coordenada pelo **Dr. Leonardo Conti** e contou, ainda, com elevado número de observadores, como o tenente-coronel norte-americano **John H. van Fleet Jr.** e membros do Governo polonês no exílio.

Berliner Ausgabe

268. Ausg. / 56. Jahrg. / Einzelpreis 15 Pf. / Auswärts 20 Pf.

„Freiheit und Brot"

Berliner Ausgabe

Berlin, Sonnabend, 25. September 1943

VÖLKISCHER BEOBACHTER

Kampfblatt der nationalsozialistischen Bewegung Großdeutschlands

Großer Erfolg einer U-Boot-Kampfgruppe

12 Zerstörer und 46500 BRT. im Atlantik versenkt

Unverminderte heftige Abwehrkämpfe — Badoglio-Rebellen auf Kefallonia vernichtet — 48 Terrorbomber abgeschossen

Aus dem Führerhauptquartier, 24. September.

Das Oberkommando der Wehrmacht gibt bekannt:

An der südlichen und mittleren Ostfront dauern die Abwehrkämpfe in den bisherigen Schwerpunktabschnitten mit unverminderter Heftigkeit an. Im Kubanbrückenkopf und ostwärts Melitopol wurden starke feindliche Angriffe abgewiesen. Übersetzversuche der Sowjets über den mittleren Dnjepr an mehreren Stellen vereitelt.

Nordostwärts Saporoshe und bei Demidow gelang es, durch entschlossenen Gegenangriff unserer Truppen durchgebrochene Sowjetregimenter zu vernichten und dabei Gefangene und Beute einzubringen.

Die Luftwaffe entlastete durch Angriffe zusammengefaßter Verbände die in schweren Kämpfen stehenden Truppen des Heeres.

An der Eismeerfront führten schnelle deutsche Kampfflugzeuge erfolgreiche Angriffe gegen sowjetische Unterseeboot-Stützpunkte und Nachschublager. Im Verlaufe dieser Angriffe schossen Jagdfliegerverbände innerhalb 24 Stunden ohne eigenen Verlust 45 feindliche Jagdflugzeuge ab.

In Süditalien griff der Feind gestern mit starken Kräften bei Salerno und Contursi an. Während die Kämpfe im Abschnitt Salerno noch im Gange sind, wurde der feindliche Angriff im Raume von Contursi nach hartem und erbittertem Ringen unter besonders hohen feindlichen Verlusten abgeschlagen.

Die mit Masse auf der Insel Kefallonia eingesetzte italienische Division Acqui hatte sich nach dem Verrat der Badoglio-Regierung geweigert, die Waffen zu strecken und die Feindseligkeiten eröffnet. Nach Vorbereitung durch die Luftwaffe traten deutsche Truppen zum Angriff an, brachen den Widerstand der Rebellen und nahmen die Hafenstadt Argostolion. Abgesehen von 4000 Mann, die rechtzeitig die Waffen niederlegten, wurde die Masse der aufrührerischen Division mit dem

Davor bewahrt uns die deutsche Front im Osten!

Bolschewistische Mordgier dokumentarisch bewiesen

Amtliches Material zum Massenmord von Katyn der Öffentlichkeit übergeben

VB. Berlin, 24. September.

Im Auftrage des Auswärtigen Amtes hat die Deutsche Informationsstelle auf Grund urkundlichen Beweismaterials ein umfangreiches Dokumentenwerk zum Massenmord von Katyn, einem der infernalischsten Verbrechen Stalins und seiner Henker, herausgegeben. In einer lückenlosen Reihe von unwiderlegbaren Dokumenten wird in diesem 331 Seiten starken, mit 65 Abbildungen versehenen Bande bis in die kleinsten Einzelheiten hinein an Hand beglaubigter Zeugenaussagen, Untersuchungsberichten und Obduktionsbefunden der Internationalen Ärztekommission, die in mühsamer Arbeit das wissenschaftliche Material zusammengetragen hat, der Protokolle über die Auseinandersetzung zwischen den polnischen Emigranten und der Sowjetregierung, der Noten und Erklärungen über die Verhandlungen zwischen den Vereinigten Staaten, Großbritannien und der Sowjetunion der Beweis erbracht, daß die polnischen Offiziere und andere Angehörige des polnischen Heeres, die in den Massengräbern von Katyn gefunden worden sind, von den Bolschewisten durch Genickschuß ermordet worden sind. Darüber hinaus aber ist dieses Dokumentenwerk ein erschütternder Beweis dafür, was Europa zu gewärtigen hätte, wenn es Stalin jemals gelänge, seine Mordgier an den Völkern des Abendlandes aus-

gen? Wir erwarten von Euch, daß Ihr mithelft, damit man die Mörder der Gerechtigkeit überliefert."

Mit der gleichen Bedenkenlosigkeit, mit der England seinen polnischen Verbündeten bolschewistischer Mordlust preisgab, ist es fest entschlossen, ganz Europa den Kreml-Henkern auszuliefern. Das Dokumentenwerk, das nun der Weltöffentlichkeit übergeben wird, führt nicht nur den Beweis über eins der grauenvollsten Verbrechen des Moskauer Untermenschentums, sondern es ist zugleich eine warnende Mahnung, welche Gefahr aus dem Osten droht. Der ungeheuer schwere Kampf, den die deutschen Truppen und ihre Verbündeten auf den östlichen Schlachtfeldern zu bestehen haben, ist im buchstäblichen Sinne das Ringen um Sein

Unter Brüdern

Von Theodor Seibert

Berlin, 24. September.

In einem unserer letzten Leitartikel wurde auf die erstaunliche Verschiedenheit zwischen der jüngsten Unterhausrede Churchills und den Ansprachen hingewiesen, die dieser britische Ministerpräsident unmittelbar vorher auf amerikanischem Boden gehalten hat: Drüben vor den Yankees spann er den alten Faden seiner „Mississippi-Rede" weiter und schwärmte in den lebhaftesten Tönen von der zukünftigen Verschmelzung des Engländer- und Amerikanertums. Hier, vor seinen eigenen Landsleuten, sprach er wohlweislich kein Wort von diesen Zukunftsschalmeien, die bei jedem echten, hochmütigen Briten einen gallenbitteren Geschmack auf der Zunge auslösen; Winston Churchill tat vor dem Unterhaus so, als ob all die glorreichen Erfolge auf dem Schlachtfeld, deren er sich rühmte, im wesentlichen britischer Tapferkeit, britischer Führungskunst und britischer Intelligenz zuzuschreiben seien. Die Beteiligung der andern, der Amerikaner und der Bolschewisten, unterschlug er zwar nicht, aber er erwähnte sie doch nur so wie ein großmütiger Lehrer und Mentor die Leistungen braver und fleißiger Schüler rühmt.

Churchill ist zeit seines Lebens ein Opportunist gewesen, der sein Mäntelchen nach dem Winde drehte. In der Innenpolitik ist er im Laufe der Jahrzehnte wiederholt die Stufenleiter von der Linken bis zur äußersten Rechten hinauf und hinab geklettert, hat er sich immer der Partei, der Sache oder dem Personenkreis verschrieben, die ihm jeweils die meiste Aussicht auf Befriedigung seines persönlichen Machthungers zu bieten schienen. Wir erwähnen nur die wenig bekannte Episode

JORNAL DE 25 DE SETEMBRO DE 1943 NOTICIANDO A COMPROVAÇÃO DA AUTORIA SOVIÉTICA DO MASSACRE.

IMAGEM DO MASSACRE DE KATYN. VALAS COMUNS COM NUMEROSOS CADÁVERES ENFILEIRADOS AO LADO PARA SUA IDENTIFICAÇÃO.

VALA COMUM EM KATYN, 1943

KATYN EXUMAÇÃO, 1943

ABERTURA DAS VALAS COMUNS COM A PRESENÇA DA CRUZ VERMELHA POLONESA

INDÍCE